

SUMÁRIO

1. O DISCIPULADO AO LONGO DA HISTÓRIA DA IGREJA	1
1.1. Período Patrístico – vida e morte, doutrina e comunhão	3
1.1.1. Pais apostólicos.....	9
1.1.2. Pais apologistas	11
1.1.3. Pais polemistas	12
1.1.4. Pais pós-nicenos	17
1.2. Didaquê – manual revelador do discipulado da igreja antiga.....	20
1.3. O Credo Apostólico – uma forma de discipular muito usado	27
1.4. Discípulos nos tempos de Constantino	29
1.5. O monasticismo e a nova forma de viver o Evangelho.....	32
1.6. O império Carolíngio: papado, concílio e teologia	43
1.7. Os muçulmanos e os cristãos – As Cruzadas	48
1.8. Um pouco antes da Reforma	53
1.9. A Reforma Protestante – modelos e exigências aos discípulos	55
1.10. Os puritanos e o discipulado.....	64
1.11. As missões modernas e o discipulado	68
1.12. Cristãos no século XX e XX: países tolerantes ao Evangelho.....	70
1.13. Cristãos no século XXI: países onde há perseguição	77

1. O DISCIPULADO AO LONGO DA HISTÓRIA DA IGREJA

A história da igreja é vasta e pode ser dividida em diferentes fases e é o que tentaremos fazer aqui. Cada fase foi definida por uma problemática específica e por desafios diferentes.



Após a morte dos apóstolos, seus seguidores diretos se tornaram a referência para a igreja de então que já sofria forte oposição e perseguição. Além das tensões externas, sofria também com as tensões internas como a oposição do judaísmo, o surgimento das primeiras heresias cristológicas e o surgimento e fortalecimento do gnosticismo.

Com a conversão de Constantino a igreja é posta em novo patamar e novos desafios. As heresias continuam a surgir enquanto outras se renovam. As dificuldades com as novas lideranças eclesiais fomentam o monasticismo. Temos em seguida o surgimento do islamismo que logo será uma grande força opositora.

Com o Império Carolíngio temos o fortalecimento dos papas e o início de grandes tensões no império romano e o crescimento das tensões com o cristianismo oriental. Segue-se a primeira grande divisão da igreja conhecida como Cisma do Oriente. As cruzadas e as tentativas de retomada de Jerusalém são a meta de muitos cristãos de então. Em 1453 temos a queda de Constantinopla sob as forças muçulmanas.

A igreja agora, em seu período papal, parece viver seu grande declínio e corrupção, é quando explode a Reforma Protestante. Muitas denominações são formadas, novas formas de viver o Evangelho, entre os quais destacamos os puritanos.

O século XIX viu o surgimento (ou ressurgimento) das grandes missões, tendo como pai Willian Carey. A ordem agora é "Ide por todo o mundo" e o texto de Mateus 28.18-20 é o grande motivador destas missões.

Grandes mudanças mundiais, o surgimento da tecnologia e novas mentalidades inauguram o século XX e com ele novas formas de pregar, novos desafios aos cristãos.

Vivemos agora o início do século XXI e ser discípulo ainda é um grande desafio, mas com novas facetas.



1.1. Período Patrístico – vida e morte, doutrina e comunhão

Houve uma retomada das pesquisas e leituras da literatura patrística e da vida dos pais da Igreja logo após o Concílio Vaticano II¹. Esta literatura permaneceu no anonimato por muito tempo. O trabalho foi realizado, sobretudo, por teólogos europeus, principalmente teólogos franceses, impulsionados pelos efeitos do Concílio Vaticano II, e se puseram na tarefa de retomar, organizar e traduzir as obras dos Pais da Igreja. No Brasil este vasto material foi publicado pela Editora Paulus. Elas revelam um caráter doutrinário que procurava defender a igreja de heresias, um forte apelo apologético diante dos ataques romanos e uma vastidão de testemunhos empolgantes de enfrentamentos mortais de cristãos nas ruas e nas arenas do grande império romano.

A tônica da literatura patrística é a defesa dos cristãos de ataques que os estava levando a morte. Basicamente eles eram acusados de quatro coisas:

1. Antropofagia (comer carne humana) - esta referência tem óbvia relação com o fato de que Jesus disse que fazer sua vontade era comer sua carne e beber o seu sangue e a observância da Ceia do Senhor, que era feita em certo sigilo e suscitava estas ideias.
2. Incesto - relações sexuais ilícitas dos cristãos, o que não ocorria, já que a comunhão era em outro sentido. Este pensamento está muito ligado aos cultos para divindades da fertilidade que incluíam as prostitutas cultuais e, obviamente, sexo em tais cerimônias religiosas. Era o caso do culto a Deus Afrodite, por exemplo.
3. Ateísmo - por dois motivos: negavam as divindades humanizadas gregas e a idolatria representada por animais e objetos dos egípcios. E o que era pior: adoravam um homem nascido entre os judeus: Jesus.
4. Novidade: isto mesmo - novidade! Os gregos afirmavam que era nova doutrina e que por isto devia ser rejeitada, já que era uma novidade, uma nova invenção de judeus e de seus prosélitos. Lembremos que durante muito tempo, pelo menos até os anos 90 do primeiro século, o cristianismo ainda era visto como uma seita do judaísmo, portanto, uma novidade e uma variação do próprio judaísmo. Esta separação entre o

¹ O Concílio Vaticano II (CVII), XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de Dezembro de 1961, através da bula papal "Humanae salutis", pelo Papa João XXIII. Este mesmo Papa inaugurou-o, a ritmo extraordinário, no dia 11 de outubro de 1962. O Concílio, realizado em quatro sessões, só terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI.



judaísmo e o cristianismo começa com a destruição do templo de Jerusalém no ano 70, atribuída à uma reação romana contra os cristãos, a grande diáspora de cristãos que disseminou o Evangelho por outras partes do Império Romano e do mundo e uma reação dentro do próprio judaísmo em se diferenciar do cristianismo. Entre tantas coisas, os judeus convocaram um concílio em que definiram o seu contexto canônico em uma cidade da Palestina romana. Este concílio ficou conhecido como Concílio de Jâmnia² acontecido por volta entre 90 d.C. e o início do século II.³

Não há muito consenso sobre qual seria exatamente o período compreendido como período patrístico já que alguns datam de 95 d.C. (suposto ano da morte de João, o último apóstolo) até meados do século IV com a fase fortemente destacada pela presença e obra de Agostinho. Alguns datam esta fase final por volta do século

² A antiga cidade de Jâmnia localizava-se na costa sudoeste da Palestina romana, onde atualmente situa-se a cidade de Yavne. Depois que os romanos conquistaram e destruíram Jerusalém e o templo, tornou-se um importante centro de influência da comunidade judaica; é o nome dado a um concílio que teria sido realizado no final do primeiro século sob a liderança do rabino Yochanan Ben Zakai. Seus participantes foram, segundo o historiador judeu Heinrich Graetz, mestres adeptos de um grupo de hebreus devotos à Torá, os fariseus, e fortes opositores do Cristianismo. O Concílio de Jâmnia teria sido proposto com a finalidade de dar um rumo para o Judaísmo, após a destruição do Templo de Jerusalém, no ano 70 d.C., e o advento da propagação da seita do Nazareno, cujos textos de seus célebres seguidores já estavam se popularizando como Escrituras Sagradas. Assim, nesse concílio regional, os participantes teriam decidido considerar como textos canônicos do Judaísmo apenas aqueles cujos originais tivessem sido compostos em língua hebraica, dentro dos limites da Terra Santa e que, no mínimo, remontassem ao tempo do profeta Esdras. Tais critérios canônicos, portanto, invalidavam para esse grupo não apenas os textos cristãos venerados pelas comunidades cristãs – visto que não eram, evidentemente, contemporâneos a Esdras, nem tinham sido compostos em hebraico, sendo que alguns foram elaborados fora das muralhas de Jerusalém. Apesar de a crítica moderna afirmar que vários livros que constam no cânon hebraico são posteriores ao tempo de Esdras (como é o caso do Livro de Daniel, Crônicas, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes), os estudiosos explicam que os fariseus não dispunham do método científico que existe hoje para datar uma obra, ou mesmo para atribuir-lhe autoria. Os judeus alexandrinos, representados hoje pelo judaísmo etíope e judaísmo egípcio, reconhecem a Septuaginta como inspirada e os livros deuterocanônicos da Igreja Católica. A preponderância do cânon de Jâmnia no Judaísmo moderno se deu pelo fato de os judeus da Europa, majoritários em Israel, seguirem esta tradição em detrimento da alexandrina. Os Manuscritos do Mar Morto e de Massada mostram que entre os antigos judeus ainda não havia uma lista bíblica fixa ou instituída, pois o cânon da Septuaginta era usado entre os judeus de Israel e mesmo pelos apóstolos de Cristo ao seu tempo. Também após a morte dos apóstolos, os cristãos utilizaram-se desse cânon continuamente em suas comunidades. O Concílio de Jâmnia rejeitou vários livros e demais escritos tradicionais, considerando-os como apócrifos. Houve muitos debates acerca da aprovação de vários livros. A tese de que o trabalho desse Concílio foi apenas ratificar aquilo que já era aceito por todos os judeus através dos séculos carece de fundamento científico e é rejeitada por quase todos os especialistas católicos, protestantes, ortodoxos ou judeus da diáspora. Houve quatro critérios para que houvessem livros considerados inspirados. São eles: 1. Ser escrito em Hebraico; 2. Ser escrito dentro da Palestina; 3. Ter sido escrito até a volta do Exílio da Babilônia e, 4. Estar de acordo com o Pentateuco.

³ Este resumo consta dos meus comentários das leituras da obra patrística e alguns podem ser encontrados no blog www.reflexoes-e-flexoes.blogspot.com.br.



VII, que coincide com o surgimento dos muçulmanos. Mas, grosso modo, podemos dividir este período em três grandes fases: Pais apostólicos, Pais apologistas e Pais Polemistas, mas adotaremos uma versão um pouco mais extensa incluindo os Pais Pós-nicenos.

O primeiro período pode se chamar de a Igreja dos **Pais Apostólicos**, isto é, a Igreja formada e alimentada por aqueles que foram os sucessores imediatos dos apóstolos, que estavam ligados, de um modo ou de outro, aos apóstolos como Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, o Pseudo-Barnabé, Clemente de Roma, Hermas, Papias.

O segundo período podemos chamar de a Igreja dos **Pais Apologistas**, que se estende ao longo do século II (do ano 100 ao ano 200 d.C. – números sempre aproximados). É uma Igreja marcada pelas perseguições, calúnias e difamações. Surgem, então, aqueles cristãos que têm cultura e preparo intelectual para defender, perante as autoridades, o senado romano ou os imperadores, a fé e a religião cristãs. Algumas dessas defesas (Apologias) chegaram até nós. Por exemplo: a de Diogneto, a de Aristides de Atenas, de Taciano, de Atenágoras, de Teófilo de Antioquia e as principais entre elas, as obras de Justino Mártir (duas *Apologias* e o *Diálogo com Trifão*) e a de Ireneu de Lião (*Contra as Heresias*). Este período é marcado por forte resistência cristã às perseguições e também por forte empenho em dialogar com a sociedade grega sobre os valores do cristianismo nos termos da cultura grega.

O terceiro período o período da patrística, propriamente dito, vai do século III até o início da Idade Média. É o período dos grandes concílios ecumênicos nos quais foram decididos os dogmas fundamentais do cristianismo. “Pais e Mães da Igreja” são, portanto, todos aqueles homens e mulheres que, pela doutrina ou pelo empenho e testemunho de vida (martírio), alicerçaram e solidificaram, determinadamente, a fé e a doutrina cristãs. Por causa dos grandes embates eles também são chamados de **Pais Polemistas**. A religião cristã, neste período, é a religião oficial do Império e gozará de liberdade para expandir, o que para muitos foi um período de derrocada espiritual muito forte, mas também marcada pelo



surgimento de centros de resistência espiritual que serão os mosteiros e as figuras dos monges cristãos. Sobre isto falaremos adiante com mais detalhes já que a compreensão radical da vida com Cristo é uma marca importante que traz muitas lições a partir do movimento monástico. Diferentemente dos apologistas do segundo século, que procuraram fazer uma explanação e uma justificação racional do cristianismo para as autoridades, os polemistas empenharam-se em responder os desafios dos falsos ensinamentos heréticos, condenando veementemente esses ensinamentos e seus mestres. Os pais desse grupo não mediram esforços para defender a fé cristã das falsas doutrinas surgidas fora e dentro da Igreja. Apesar de a maioria ter vivido no Oriente, os grandes polemistas vieram do Ocidente.

Finalmente, os **Pais Pós-nicenos**. Entre os Concílios de Nicéia (325) e de Calcedônia (451), vários dos mais capazes Pais da Igreja Cristã desempenharam seu ministério. Eles procuraram estudar a Bíblia em bases científicas a fim de desenvolverem o seu significado teológico. Sem dúvidas, Agostinho foi o maior deles. Eles seguiram a escola de Antioquia ou Síria de interpretação, destacando o estudo histórico-gramatical da Bíblia com intenção de descobrir o significado que o escritor sagrado tinha em mente para aqueles a quem escreveu. Evitaram a tendência alegorizante praticada pelos seguidores da escola alexandrina, que seguiam o exemplo de Orígenes.

Quanto à natureza da prática diária da igreja neste período, podemos falar de pontos comuns neste período e destacar características que marcaram este período. Um dos pontos comuns fundamentais eram as Escrituras do AT e as do NT, embora estas últimas estivessem ainda em fase de formação durante os dois primeiros séculos, pois o cânon do NT só foi fixado em 367. Os “pais” liam, refletiam e elaboravam seus sermões, preparavam a catequese sempre com as Escrituras nas mãos. Enorme quantidade de seus escritos são paráfrases bíblicas, repletos de citações bíblicas, ou longos comentários dos livros bíblicos. Outro dado comum era a celebração da Ceia do Senhor, embora não houvesse, como já se disse, uniformidade na forma de celebração nem nas palavras empregadas nas orações. Outra prática comum era o catecumenato, o tempo de preparação para o batismo. O tom pastoral de suas atividades, a busca de salvação, o detestar as práticas pagãs,



a edificação espiritual, a catequética, o valor dado à liturgia, a ênfase na penitência e no jejum eram também pontos comuns. Mas o ponto comum fundamental era o apego a Cristo como Filho de Deus, como Salvador, como palavra definitiva de Deus. Essa referência a Cristo era o fator decisivo e o princípio que unia a todos.

Neste período, apesar de pontos em comum, não podemos nos esquecer das grandes diferenças em um mundo onde o cristianismo era marginalizado e criminalizado e no mundo em que ele é a religião oficial. Esta oficialização do cristianismo como religião do Império Romano ocorre após a conversão de Constantino no início do século IV.

Outra consideração importante a ser feita é que o Império Romano era também muito diversificado contribuindo para diversas manifestações cristãs em seus domínios como o povo frígio, o povo do norte da África e na própria capital Roma. Povos com bases culturais diferentes e separados por grandes distâncias geográficas.

Há também divergências entre pensamentos teológicos. A escola de Antioquia, mais concreta, que praticava uma exegese mais literal e mais histórica, valorizava mais a humanidade de Jesus. A escola de Alexandria, mais espiritual, praticava uma exegese alegórica, mais mística e que valorizava mais a alma, a divindade de Jesus. Os Pais Apostólicos, aqueles que seguiram os apóstolos e estão necessariamente entre o final do século I e início do século II, viveram ainda sob forte influência da expectativa messiânico-escatológica. Já os Pais do século IV em diante não se punham mais essa questão. Não se pode deixar de ressaltar as constantes divergências entre eles, a tal ponto de se ter de convocar, frequentemente, sínodos locais, regionais e concílios ecumênicos para dirimir as questões⁴. A igreja pré-Constantino parece mais fluída, ou mais carismática, e a passagem para uma Igreja conduzida pela autoridade presbiteral-episcopal vai criar

⁴ Entre as heresias que surgiram no período patrístico estão às questões mais ligadas à cristologia. A formação do cânon do NT também gerou fortes debates. Podemos citar alguma delas: gnosticismo, o marcionismo, o montanismo, o maniqueísmo, o pelagianismo, etc.



também muitas diferenças não só na estrutura governamental, mas também na doutrina, no controle da produção intelectual e litúrgica das comunidades.

No período da autoridade carismática os fiéis eram encorajados a fugir dos falsos profetas e não havia autoridade que coibisse tais falsos profetas. Os membros resistentes eram excluídos da comunhão, ou excomungados. Havia liberdade, porém com certo controle. A institucionalização⁵ após Constantino tornará o controle mais severo. Pode-se verificar isso já no Concílio de Éfeso, em 431, quando os monges capitaneados pelo bispo de Alexandria, Cirilo, invadiram a sala conciliar armados de porretes, ameaçando e exigindo que se votasse a favor do dogma da maternidade divina, tese defendida por Cirilo. Por essa altura, já não se pode falar de muita liberdade já que os ideais universalistas do império via religião cristã a forçavam a alguma padronização⁶. Até então as igrejas podiam, por exemplo, celebrar a Páscoa em épocas diferentes e ter variadas versões sobre a prática do jejum. E isto não era motivo para maiores intervenções e excomunhão. Estas informações são importantes porque, a partir de então, alguns critérios para ser considerado cristão e seguidor de Jesus Cristo passa a ganhar novos contornos, mas isto, como até hoje, é fonte de forte debate e discussão porque paradigmas da cultura, lá da cultura grega, por exemplo, são discutíveis.

A seguir veremos apenas um pequeno resumo de alguns destes homens e mulheres do período patrístico e como suas vidas foram usadas por Deus e o foco que tiveram em suas vidas com o propósito de servirem e serem fiéis a Deus⁷.

⁵ A palavra institucionalização pode gerar verdadeira ojeriza ao ouvido de muitos em nosso tempo. Muitos buscam nesta fase da história motivos para afirmar que a institucionalização é a maior vilã da apostasia, frieza, corrupção e desvio de foco da missão da igreja. Esquecem, entretanto, que mesmo antes disto a igreja também possuía divergências internas, tensões e perseguições e hipocrisia de toda natureza. Estes problemas já podem ser encontrados entre os apóstolos e na direção de igrejas fundadas por eles enquanto os mesmo ainda eram vivos.

⁶ Este comentário pode soar contraditório e reforçar a ideia de que a oficialização do cristianismo foi apenas um mal para a igreja. No entanto, entre idas e vindas, o que se manifestou foi um conjunto de doutrinas e de ideias que se mantêm até hoje e que pode, a critério de cada um, serem julgadas hoje isentas daquelas influências e pressões.

⁷ A partir daqui, no que diz respeito à biografia dos pais da igreja usaremos o material do site <http://www.santovivo.net/gpage113.aspx> que está bem organizado e conta com as informações que julgamos importantes aqui: obra, vida e martírio.



1.1.1. Pais apostólicos

Nesta lista constam aqueles que tiveram contato com os apóstolos e que seguiram e procuraram manter seus ensinamentos já em épocas de acirrada perseguição. Destacaremos suas obras principais e a forma como viveram e morreram sempre que possível.

Clemente de Roma (30-100 d.C.)

Clemente era um cristão que gozava de grande autoridade entre seus contemporâneos. Orígenes e Eusébio de Cesaréia identificam-no como o colaborador de Paulo mencionado em Filipenses: “*E peço também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida*” (Filipenses 4.3). Irineu de Lião escreveu que Clemente teria sido o terceiro sucessor do apóstolo Pedro no pastorado da Igreja em Roma. Segundo Tertuliano, ele foi consagrado pelas mãos do apóstolo Pedro. Escreveu uma Epístola chamada de 1º Clemente, escrita de Roma por volta de 95 d.C., para a igreja em Corinto. A obra *Atos dos Mártires*, do século IV ou V d.C., afirma que Clemente foi exilado para a península de Queronese, na área do mar Negro, foi atirado ao mar com uma âncora amarrada ao seu pescoço.

Inácio de Antioquia da Síria (35-108 d.C.)

Conforme se encontra na *História Eclesiástica*, de Eusébio, Inácio teria sido o segundo bispo de Antioquia: “Mas, depois que Evódio fora estabelecido o primeiro sobre os antioquenos, Inácio o segundo, reinava no tempo do qual falamos”. Foi martirizado em Roma, durante o reinado de Trajano (97-117 d.C.). Inácio quando seguiu para Roma estava disposto a ser martirizado, pois durante a viagem escreveu cartas às igrejas manifestando o desejo de não perder a honra de morrer por seu Senhor. Foi lançado às feras no Anfiteatro romano no ano 108. Tudo quanto sabemos sobre sua vida é através de suas sete cartas escritas no caminho rumo ao martírio em Roma; Carta aos Efésios, Carta aos Romanos, Filadélfia, Esmirna, Trálios, Magnésia e Policarpo. Inácio é o primeiro escritor a



apresentar claramente o padrão de ministério: um bispo numa igreja com seus presbíteros e diáconos. Opôs-se às heresias gnósticas. Sua preocupação principal era com a unidade da Igreja.

Policarpo (69-155 d.C.)

Foi discípulo do apóstolo João, provavelmente nasceu em 70 d.C. Eusébio declara que não somente foi instruído pelos apóstolos e conviveu com muitos que haviam visto o Senhor, mas também foi instituído bispo da Ásia pelos apóstolos, na Igreja de Esmirna. Aparentemente Policarpo conhecia alguns personagens ilustres de sua época, como Inácio, Irineu, Aniceto de Roma e Marcião. Policarpo resistiu à doutrina de Marcião e chamou-lhe de “primogênito de Satanás”. De acordo com Irineu, Policarpo escreveu diversas cartas à comunidade e a bispos em particular, das quais somente a carta aos Filipenses foi preservada. Em um dos seus escritos que trazem o seu nome é nos dada à narrativa de sua morte. Devido a sua idade, quiseram fazê-lo negar o nome de Jesus e assim escapar com vida, ao que ele respondeu: *“Eu tenho servido a Cristo por 86 anos e Ele nunca me fez nada de mal. Como posso blasfemar contra meu Rei que me salvou?”*. Quando o colocaram na fogueira, dizem que o fogo não o queimou, e então seus inimigos o apunhalaram até a morte e depois o queimaram.

Papias de Hierápolis (70-140 d.C.)

Bispo de Hierápolis, de quem somente sabemos alguma coisa através de escritos de Eusébio e Irineu. Ele era um homem curioso, que tinha o habito de inquirir sobre as origens do cristianismo. Foi Papias quem iniciou a tradição que diz que Marcos era interprete de Pedro: *“Marcos, que foi interprete de Pedro, pôs por escrito, ainda que não com ordem, o quanto recordava que o Senhor havia feito”*. Segundo Irineu de Lião, Papias teria sido discípulo do apóstolo João, conforme Eusébio de Cesárea, Papias fora discípulo de “outro João, o “presbítero”, e não o apóstolo João. Escreveu uma coleção de relatos sobre ditos e feitos do Senhor e de seus discípulos, da qual restam somente pequenos fragmentos.



1.1.2. Pais apologistas

Tertuliano (155-220 d.C.)

Nasceu em Cartago, um dos principais centros culturais do Império Romano. Destinado pela família ao estudo das leis, recebeu esmerada educação. Aos vinte anos seguiu para Roma, onde ampliou sua formação. Regressou a Cartago no final do século II e, depois de se converter ao cristianismo, dedicou-se ao estudo das Escrituras, da literatura cristã e profana e dos tratados gnósticos. Iniciou então uma produtiva atividade literária voltada para a consolidação da Igreja no norte da África. Teólogo, foi o principal apologista da igreja ocidental e o primeiro teólogo cristão a escrever em latim. Formado em direito, ensinou oratória e advogou em Roma, onde se converteu ao cristianismo. Possivelmente as suas maiores contribuições foram suas discussões sobre a Trindade e a Encarnação do Logos. A sua principal obra escrita em defesa do cristianismo foi Apologética. Sua luta contra o gnosticismo é uma das suas principais bandeiras. É responsável por criar diversas expressões teológicas que usamos até hoje, como Trindade, por exemplo. Não se sabe a data de sua morte, mas provavelmente morreu em idade avançada.

Justino Mártir (100-166 d.C.)

Filho de pais pagãos teria nascido perto da cidade de Siquém, onde passou boa parte de sua juventude numa busca filosófica atrás da verdade. Ele foi um filósofo platônico. Seus estudos profundos do platonismo, pitagorismo, do estoicismo e do aristotelismo o convenceram-no de que nem toda a verdade está contida na filosofia e que ele precisava continuar inquirindo sobre a verdade. Vários livros são atribuídos a Justino, porém somente três são aceitos como genuínos. São os denominados de *Primeira Apologia*, *Segunda Apologia* e o *Diálogo com Trifo*, o judeu. Sua *Primeira Apologia* é dirigida ao imperador Antonino Pio, que reinou de 138-161 d.C., aos seus filhos Lucius e Marco Aurélio, a todo o senado romano e “a todos os romanos”. A *Segunda Apologia* é dirigida ao senado romano, embora já tivesse sido alcançado pela *Primeira*. Os dois foram escritos para contestar a perseguição.



O *Diálogo com Trifo* consta de uma conversa de dois dias entre Justino e um douto judeu contemporâneo dele. Foi um dos homens mais competentes do seu tempo e um dos principais defensores da fé Cristã. Seus livros que ainda existem, oferecem informações valiosas sobre a vida da Igreja nos meados do segundo século. Foi martirizado em Roma, no ano de 166.

1.1.3. Pais polemistas

Irineu (130-202 d.C.)

Oriundo da Ásia Menor, em sua juventude foi discípulo de Policarpo, de acordo com Eusébio de Cesaréia. Irineu escreveu a Florino, um ex-condiscípulo de Policarpo, que apostatara tornando-se valentiniano: “Pois os estudos de nossa juventude cresceram com nossa mente e se uniram a ele com tamanha firmeza, que também posso dizer até o lugar em que o bendito Policarpo costumava se sentar e discursar; e também suas entradas, suas saídas, o caráter de sua vida e a forma de seu corpo, e suas conversas com as pessoas, e seu relacionamento familiar com João, conforme costumava contar, bem como sua familiaridade com os que haviam visto o Senhor. Também a respeito de seus milagres, sua doutrina, tudo isso era contado por Policarpo, de acordo com as Sagradas Escrituras, conforme havia recebido das testemunhas oculares da doutrina da salvação”. A maior parte de sua obra desenvolveu-se no campo da literatura polêmica contra o ensino gnóstico, que acreditava na existência de um mundo distinto de Deus. Sua primeira obra, *Adversus Haereses*, título em latim que significa “Contra Heresias”, escrita entre 182 e 188 d.C., salienta-se por sua habilidade, moderação e pureza na apresentação do cristianismo, condenando os ensinamentos de Marcião (marcionismo⁸).

Orígenes (185-254 d.C.)

Orígenes foi o maior dos intérpretes alegóricos e o mais prolífico da antiguidade cristã. A maior parte das informações sobre a vida de Orígenes pode ser localizada

⁸ O marcionismo afirmava que existiam dois deuses. Um do AT e outro do NT. O do NT seria amoroso e representaria o Deus verdadeiro em Cristo e que o AT deveria ser rejeitado. Ele estendia esta exclusão canônica a livros do NT também.



no sexto livro da *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia. Nasceu em Alexandria, no Egito, onde foi aluno de Clemente, o que o faria sucessor deste, anos mais tarde. Ficou à frente da escola catequética por 28 anos, levando uma vida extremamente ascética e piedosa. Devido ao seu zelo, interpretou literalmente o texto de Mateus 19.12, que diz: “*Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos céus. Quem pode receber que o receba*”, e mutilou-se a si mesmo. Seu pai Leônidas morreu martirizado em 202, o que fez com que ele sentisse o mesmo sentimento, a ponto de dizer ao pai que se encontrava preso: “*Não vás mudar de idéia por causa de nós*”.

Tudo indica que Orígenes tenha nascido em uma família cristã em Alexandria, por volta do ano 185, tendo recebido sólida formação religiosa (sob Clemente) e também secular, completada na escola do filósofo Amônio Sacas, pai do neoplatonismo, o que lhe permitiu ter uma erudição filosófica incomparável entre os Pais da Igreja. No ano 202, seu pai Leônidas foi martirizado durante a perseguição do imperador Sétimo Severo, e os bens da família foram confiscados. **O jovem Orígenes incentivou seu pai a ser fiel até a morte e diz-se que sua mãe teve que esconder suas roupas para que ele não saísse de casa e fosse preso (negrito nosso)**. Para poder manter a mãe e seis irmãos menores, Orígenes abriu uma escola de gramática (literatura) e, pouco depois, diante da ausência de quadros qualificados, já que muitos haviam fugido ou sido mortos pela perseguição, o bispo Demétrio de Alexandria incumbiu a Orígenes, então com 18 anos de idade, a dirigir a escola de catecúmenos, enquanto procurava enfrentar a forte perseguição aos cristãos. Por algum tempo, seguiu com as duas escolas, mas quando a família teve condições de se sustentar por si própria, dedicou-se exclusivamente à catequese e, nesse particular, opera-se um verdadeiro milagre para a época: sua reputação entre os alexandrinos era tão alta que muitos pagãos e gnósticos passaram a frequentar a escola de catecúmenos para aprender diretamente do jovem mestre.⁹

Em 212 esteve em Roma, Grécia e Palestina. A mãe do imperador Alexandre Severo, Júlia Maméia, chamou-o a Antioquia para ouvir suas lições. Morreu em Cesárea durante a perseguição do imperador Décio. A produção literária de Orígenes foi enorme. Segundo estimativa, ele foi o autor de seis mil pergaminhos. Uma vez que seus conhecimentos bíblicos eram enormes e estava consciente de que o texto das Escrituras continha ligeiras variantes, compôs a “Hexapla”, uma obra monumental de erudição bíblica que não foi conservada na íntegra.

⁹ Conforme <http://www.e-cristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/biografias/vida-e-obra-de-origenes.html>.



No livro "Conhecendo os Pais da Igreja" (LITFIN: 2015, pág. 152-153) vemos um relato da austeridade e de como Orígenes considerava a relação da vida cristã com quaisquer outros elementos da sua própria vida que pudessem incomodá-lo:

O zelo de Orígenes pelo martírio o caracterizou como um cristão que compreendia o custo do discipulado. Ele queria limpar a alma de qualquer emoção terrena que competisse com o amor de Deus. Embora a reputação de Orígenes como destemido defensor da fé cristã começasse a crescer, ele também se tornou conhecido sua vida de austeridade e renúncia física. Por exemplo, quando descobriu que seu trabalho como professor de ciências humanas estava interferindo em seu florescente ministério apologético, abandonou os rendimentos regulares de seu trabalho secular para se dedicar exclusivamente ao estudo da Bíblia e à erudição cristã. Vendeu sua biblioteca de livros não cristãos e viveu com a pequena quantia obtida com a venda. Suas noites eram marcadas por extrema privação de sono para pudesse gastar horas extras na Palavra. Nunca dormiu em uma cama [...], jejuava constantemente, [...] ficou fisicamente debilitado, [...] se castrou, [...] (o que) [...] mais tarde lamentou. No mundo antigo, a autonegação funcionava como uma forma poderosa de evangelismo pelo modo de vida.

Cipriano (200-258 d.C.)

Thascius Cecilius Cyprianus era de família nobre e influente de Cartago. Converteu-se ao cristianismo em 246 d.C., sendo posteriormente eleito bispo em sua cidade natal, por volta de 249 d.C. Exerceu um ministério pastoral influente produzindo vários escritos antes de ser perseguido e decapitado nos dias do imperador Valeriano. As principais obras de Cipriano são: *Tratado Sobre a Unidade da Igreja e Dos Caídos*, escrito em 251 d.C., enviadas aos confessores romanos da fé. *De habitu virginum* (249 d.C.), *De mortalitate* (252 d.C.), *De opere et eleemosynis* (252 d.C.) e uma coleção de cartas. Algumas de suas obras são revisões dos escritos de Tertuliano, a quem Cipriano chamava de mestre.

Agostinho de Hipona (354-430)

O Protestantismo e o Catolicismo Romano tributam honra à contribuição que Agostinho deu à causa do cristianismo. Polemista capaz, pregador talentoso, administrador episcopal competente, teólogo notável, ele criou uma filosofia cristã da história que em sua essência, continua válida até hoje. Vivendo num tempo em que a velha civilização clássica parecia sucumbir diante dos bárbaros, Agostinho se posicionou entre dois mundos, o mundo clássico e o novo mundo medieval. Para



ele, os homens deveriam olhar adiante para a “Cidade de Deus”, uma civilização espiritual, uma vez que a velha civilização clássica estava passando. Agostinho nasceu em 354, na casa de um oficial romano na cidade de Tagaste, ao norte da África. Sua mãe, Mônica, dedicou a vida à sua formação e conversão à fé cristã. Seus primeiros anos de estudos foram feitos na escola local, onde aprendeu latim à força de muitos açoites, e odiou tanto o grego que jamais o aprenderia fluentemente. Foi enviado para uma escola em Madaura e daí para Cartago, para estudar retórica. Livre dos limites familiares, Agostinho fez o mesmo que a maioria dos estudantes de então, e se entregou às paixões da união ilegítima com uma concubina. Seu filho, Adeodato, nasceu dessa união, em 372. Em 373, na busca pela verdade ele aceitou o ensino maniqueísta; no entanto, por considerá-lo insuficiente, voltou à filosofia com a leitura de Hortênsio, de Cícero, e dos ensinamentos do neoplatonismo. Ensinou retórica em sua cidade natal e em Cartago, até ir para Milão, por volta de 384. Em 386, aconteceu sua crise de conversão. Um belo dia, meditando num jardim sobre a sua situação espiritual, ouviu uma voz próxima à porta que dizia: “Tome e leia”. Agostinho abriu sua Bíblia em Romanos 13.13-14:

"Andemos honestamente, como de dia; não em glotonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências".

Essa leitura trouxe-lhe a luz que sua alma não havia conseguido encontrar nem no maniqueísmo nem no neoplatonismo. Separou-se de sua concubina e abandonou sua profissão de retórica. Sua mãe que tanto orara por sua conversão, morreu logo depois do seu batismo. De volta a Cartago, foi ordenado sacerdote em 391. Cinco anos depois foi consagrado bispo de Hipona. Daí até sua morte, em 430, dedicou sua vida à administração episcopal, estudando e escrevendo. Ele é apontado como o maior dos pais da Igreja. Ele deixou mais de 100 livros, 500 sermões e 200 cartas. Talvez a obra mais conhecida seja as *Confissões*, uma das maiores obras autobiográficas de todos os tempos. Nas páginas dessa obra, Agostinho abre a sua alma. Os livros I a VII descrevem sua vida antes da conversão; os dois livros seguintes narram os acontecimentos posteriores à sua conversão, inclusive a morte de sua mãe e sua volta ao norte da África; os livros XI a XIII são comentários aos primeiros capítulos de Gênesis, em que Agostinho recorre à alegoria com



frequência. Os cristãos de todos os tempos têm sido abençoados com a leitura dessa obra escrita por Agostinho para louvor de Deus, cuja graça alcançou um pecador como ele. O livro traz no primeiro parágrafo a citadíssima frase: “Tu nos fizestes para ti e nosso coração não descansará enquanto não repousar em ti”. A consciência de seu pecado e a força do mal, evidenciado por sua vida imoral apaixonada, levaram-no a clamar: “Dá-me a castidade e a continência, mas não ainda”. Essa necessidade só foi preenchida por sua experiência da graça de Deus. Agostinho escreveu ainda tratados teológicos dos quais *De Trinitate*, sua obra sobre a Trindade, é o mais importante. Os primeiros sete livros da obra são dedicados à exposição bíblica dessa doutrina. Seu breve trabalho *Enchiridion ad Laurentium* resume suas ideias teológicas e de certo modo completa outra de suas obras, *Retractationes*, dando ao leitor uma imagem mais nítida e resumida de sua teologia. Agostinho escreveu também muitas obras polêmicas para defender a fé dos falsos ensinamentos e das heresias dos maniqueístas, dos donatistas e, principalmente dos pelagianos. Sua *De Haeresibus* é uma história das heresias. O bispo de Hipona escreveu obras práticas e pastorais, além de muitas cartas das quais ainda restam umas 240. Essas obras e cartas tratam de muitos problemas práticos que um administrador eclesiástico enfrenta no decorrer dos anos de ministério. Sua grande obra apologética e sobre a qual reside sua maior fama, é o tratado *De Civitate Dei*, popularmente conhecida como *A Cidade de Deus* (413-426). O próprio Agostinho considerava ser essa sua grande obra. A formulação de uma interpretação cristã da história deve ser considerada uma das contribuições permanentes deixadas por esse grande erudito cristão. Nem historiadores gregos nem romanos foram capazes de compreender tão universalmente a história do homem. Agostinho exalta o poder espiritual sobre o temporal, ao afirmar a soberania do Deus que se tornou o *Criador* da história no tempo. Deus é Senhor da história e nada o limita como ensinara o filósofo Hegel. Tudo o que vem a ser é uma consequência de sua vontade e ação. Antes mesmo da criação, Deus tinha um plano em vista para sua criação. Mas Agostinho também contribuiu com alguns erros para o pensamento cristão. Contribuiu para a formulação da doutrina do purgatório com todas as suas consequências nocivas; enfatizou tanto o valor dos dois sacramentos que a doutrina da regeneração batismal e da graça sacramental se



tornaram consequências lógicas de suas posições; sua interpretação do milênio, que ele via como o período entre a Encarnação e a segunda vinda de Cristo em que a Igreja venceria o mundo. Essa ênfase de Agostinho não deve nos impedir de ver o significado de sua obra para a Igreja Cristã. Os Reformadores encontraram em Agostinho um aliado inestimável na sua crença em que o homem escravizado pelo pecado, necessita da salvação através da graça de Deus pela fé somente. No período entre Paulo e Lutero, a Igreja não teve mais ninguém da estatura moral e espiritual de Agostinho.

1.1.4. Pais pós-nicenos¹⁰

João Crisóstomo (345-407)

João, chamado Crisóstomo devido à sua eloquência, logo depois de sua morte, mereceu literalmente o nome de “boca-de-ouro”. Nasceu por volta de 345 numa família rica, da aristocracia de Antioquia. Sua mãe apesar de ter enviuvado aos 20 anos, recusou-se a casar de novo para poder se dedicar totalmente à educação do filho. Crisóstomo foi aluno do sofista Libânio, amigo do Imperador Juliano. Libânio instruiu-o bem nos clássicos gregos e na retórica, o que lhe deu as bases para sua excelente oratória. Por algum tempo exerceu a advocacia, mas após seu batismo em 386, tornou-se monge. Com a morte da mãe em 374, passou a viver uma vida ascética e bem rigorosa até 380. Nessa época viveu numa caverna de uma montanha perto de Antioquia. A saúde debilitada o obrigou a abandonar o regime rigoroso. Ordenado em 386, ele pregou em Antioquia alguns de seus melhores sermões até o ano de 398. Nesse ano foi eleito patriarca de Constantinopla, posição que manteve até ser banido em 404 pela Imperatriz Eudóxia, denunciada por ele por usar roupas extravagantes e por colocar uma estátua de prata de si mesma próxima a Santa Sofia, onde ele pregava. Morreu no exílio em 407. Talvez alguns anos de

¹⁰ O Primeiro Concílio de Niceia foi um concílio de bispos (episcopos) cristãos reunidos na cidade de Niceia da Bitínia (atual İznik, Turquia), pelo imperador romano Constantino em 325. O concílio foi a primeira tentativa de obter um consenso da igreja através de uma assembleia representando toda a cristandade. O seu principal feito foi o estabelecimento da questão cristológica entre Jesus e Deus, o Pai; o estabelecimento da doutrina Papal, ou Estado; a construção do Credo Niceno; a fixação da data da Páscoa; e a promulgação da lei canônica.



estudo com Diodoro de Tarso tenham algo a ver com sua capacidade como orador. Cerca de 640 de suas homilias sobreviveram, e basta uma leitura rápida para se ter uma idéia de seu talento nessa área. A maioria de suas homilias ou sermões se constitui em exposições das epístolas de Paulo. Por não conhecer o hebraico, não fez uma investigação crítica dos textos do Antigo Testamento. Mas destacou a importância do contexto e procurou descobrir o sentido literal dado pelo autor e fazer uma aplicação prática desse sentido aos problemas das pessoas de sua época. Essas aplicações morais práticas do evangelho eram marcadas por grande integridade moral. Para ele não deveria haver divórcio entre moral e religião; a cruz e a ética devem caminhar juntas. Não é por acaso que ele foi e continua sendo um dos maiores oradores sacros que a igreja Oriental já teve.

Teodoro (350-428)

Outro notável pai da igreja da Mopsuéstia. Ele estudou a Bíblia com Diodoro de Tarso. Essa ótima instrução foi possível por ter nascido de família rica. Ordenado presbítero em Antioquia em 338, tornou-se bispo da Mopsuéstia, na Cilícia em torno de 392. Teodoro foi chamado apropriadamente de "o príncipe dos exegetas antigos". Ele se opôs ao sistema alegórico de interpretação e propôs uma compreensão que levasse em conta a gramática e a formação histórica do texto, a fim de descobrir o sentido que o autor quis dar. Deu atenção especial ao contexto imediato e remoto do texto. Esse método fez dele um comentarista e teólogo dos mais competentes. Teodoro escreveu comentários sobre livros da Bíblia como as cartas aos colossenses e aos tessalonicenses. Tanto ele como Crisóstomo enriqueceram notavelmente a interpretação da Bíblia no seu tempo. A obra de ambos contrastava com as forçadas interpretações da Bíblia geradas pelo uso do método alegórico de interpretação.

Eusébio de Cesaréia (260-340)

Um dos pais da Igreja mais amplamente estudados é Eusébio de Cesaréia, merecedor do título de pai da História da Igreja quanto Heródoto o é do título de pai da História. Depois de receber uma boa instrução por parte de Panfílio em Cesaréia,



ajudou o amigo a organizar sua biblioteca nessa cidade. Eusébio era estudante interessado e lia tudo o que pudesse ajudar em suas pesquisas. Ele se serviu tanto da literatura profana quando da sacra. A personalidade de Eusébio era adequada aos seus alvos de erudição. Tinha um espírito refinado e cordato e detestava querelas suscitadas pela heresia ariana. Tomou um lugar de honra ao lado de Constantino no Concílio de Nicéia e, como ele, preferiu uma solução de reconciliação entre os partidos de Atanásio e Ário. Foi o Credo de Cesaréia, escrito por Eusébio de Cesaréia, que o Concílio de Nicéia modificou e aceitou. Sua maior obra literária é a *História Eclesiástica*, um panorama da história da Igreja dos tempos apostólicos até 324. Seu propósito era fazer um relato das dificuldades passadas da Igreja, ao fim desse longo período de luta e começo de uma história de prosperidade. A obra continua sendo útil até hoje, uma vez que Eusébio teve acesso à excelente biblioteca de Cesaréia e dos arquivos imperiais. Eusébio é até hoje nossa melhor fonte sobre a história da Igreja durante os três primeiros séculos de sua existência, embora eruditos lastimem que não tenha feito notas de rodapé mais precisas sobre suas fontes de informação, a exemplo do que fazem os historiadores contemporâneos. Apesar de suas monótonas divagações e de seu estilo inconstante, a obra tem sido de inestimável valor para a Igreja ao longo dos séculos.

Jerônimo (331-420)

Jerônimo, natural de Veneza, foi batizado em 360 e durante vários anos dedicou-se aos estudos, viajando por Roma e pelas cidades da Gália. Na década seguinte visitou Antioquia e adotou a vida monástica, ocasião em que aprendeu o hebraico. Em 382, tornou-se secretário de Dâmaso, bispo de Roma, que lhe sugeriu a possibilidade de fazer uma nova tradução da Bíblia. Em 386, Jerônimo foi para a Palestina e lá, graças à generosidade de Paula, uma rica senhora romana a quem tinha ensinado hebraico, viveu num retiro monástico em Belém por quase 35 anos. A maior obra de Jerônimo foi uma tradução latina da Bíblia conhecida como Vulgata. Antes de 391, ele tinha completado a revisão do Novo Testamento latino cuidadosamente cotejado com o grego. A versão da Bíblia feita por Jerônimo tem sido amplamente usada pela Igreja Ocidental e foi, até recentemente, a única Bíblia oficial da Igreja Católica Romana desde o Concílio de Trento. Jerônimo foi também



um exímio comentarista, tendo escrito muitos comentários que são usados até hoje. Sua grande dedicação e seu enorme conhecimento dos clássicos ajudaram-no na interpretação das Escrituras, embora nos últimos anos de sua vida desaprovasse o saber clássico.

Ambrósio (339-397)

Ambrósio demonstrou grande capacidade nos campos da administração eclesiástica, pregação e teologia. Seu pai ocupava o alto cargo de prefeito da cidade da Gália, e sua família procedente dos altos círculos imperiais de Roma, proporcionou-lhe uma formação na área jurídica, pretendendo que ele se voltasse para a carreira política. Alcançou logo o cargo de governador imperial da área em torno da cidade de Milão. Com a morte do bispo de Milão em 374, o povo pediu unanimemente a sua ascensão ao cargo. Crendo ser este um chamado de Deus, ele aceitou o cargo, distribuiu seus bens aos pobres, tornou-se bispo e começou a estudar intensamente a Bíblia e teologia. Ambrósio provou ser um administrador ousado e capaz na condução dos negócios da Igreja. Levantou-se contra as poderosas facções arianas e não hesitou em se opor ao imperador Teodósio. Em 390 ou 391, Teodósio reuniu o povo de Tessalônica, cujo governador fora assassinado, numa praça da cidade e ordenou o massacre deles. Quando ele veio à igreja tomar a ceia, Ambrósio recusou-se a admiti-lo na comunhão até que ele humilde e publicamente, se arrependesse desse ato. Embora suas interpretações e exposições práticas da Bíblia tenham sido prejudicadas pelo uso do método alegórico, Ambrósio foi um talentoso pregador. Sua pregação na catedral de Milão foi um instrumento para levar Agostinho de Hipona ao conhecimento do cristianismo, resultando mais tarde na conversão deste. Possivelmente foi ele que introduziu o cântico de hinos e a salmódia antifonal na Igreja Ocidental. Ambrósio foi também um teólogo de grande talento, embora só tenha estudado teologia depois de ordenado bispo.

1.2. Didaquê – manual revelador do discipulado da igreja antiga

O DIDAQUÊ, ou *A Instrução dos Doze Apóstolos*, é um catecismo cristão escrito entre 60 e 90 d.C. (talvez até antes da destruição do Templo de Jerusalém),



provavelmente na Palestina ou na Síria. Trata-se, certamente, do "*documento mais importante da era pós-apostólica, a mais antiga fonte de legislação eclesiástica que possuímos*" (Quasten). Ao que parece, é fruto da reunião de diversas fontes orais e escritas e que retratam a tradição das primeiras comunidades cristãs. Essa antiguidade explica porque algumas Igrejas chegaram a considerá-lo um escrito canônico. Apesar de ter sido redigido nos primórdios do Cristianismo, sua mensagem é válida para os dias de hoje. Entre os assuntos tratados, podemos destacar: a proibição do aborto (Did II,2) e do esoterismo e astrologia (Did III,4); a exortação pela unidade dos cristãos (Did IV,3); o batismo (Did VII), confissão dos pecados (Did IV,14; XIV,1) e ceia do Senhor (Did IX-X); o batismo ministrado por imersão (Did VII,1) ou infusão (Did VII,3) e na forma trinitária (Did VII,1.3); os cuidados a serem tomados contra os falsos profetas e mestres (Did XI-XII); a existência de bispos e diáconos substituindo ou com a mesma dignidade dos profetas e mestres (Did XV,1-2), etc. O documento está dividido em 4 partes, totalizando 16 capítulos.

O CAMINHO DA VIDA E O CAMINHO DA MORTE

CAPÍTULO I – 1 Existem dois caminhos: o caminho da vida e o caminho da morte. Há uma grande diferença entre os dois. 2 Este é o caminho da vida: primeiro, ame a Deus que o criou; segundo, ame a seu próximo como a si mesmo. Não faça ao outro aquilo que você não quer que façam a você. 3 Este é o ensinamento derivado dessas palavras: bendiga aqueles que o amaldiçoam, reze por seus inimigos e jejue por aqueles que o perseguem. Ora, se você ama aqueles que o amam, que graça você merece? Os pagãos também não fazem o mesmo? Quanto a você, ame aqueles que o odeiam e assim você não terá nenhum inimigo. 4 Não se deixe levar pelo instinto. Se alguém lhe bofeteia na face direita, ofereça-lhe também a outra face e assim você será perfeito. Se alguém o obriga a acompanhá-lo por um quilometro, acompanhe-o por dois. Se alguém lhe tira o manto, ofereça-lhe também a túnica. Se alguém toma alguma coisa que lhe pertence, não a peça de volta porque não é direito. 5 Dê a quem lhe pede e não peças de volta pois o Pai quer que os seus bens sejam dados a todos. Bem-aventurado aquele que dá conforme o mandamento pois será considerado inocente. Ai daquele que recebe: se pede por estar necessitado, será considerado inocente; mas se recebeu sem necessidade, prestará contas do motivo e da finalidade. Será posto na prisão e será interrogado sobre o que fez... e daí não sairá até que devolva o último centavo. 6 Sobre isso também foi dito: que a sua esmola fique suando em suas mãos até que você saiba para quem a está dando.

CAPÍTULO II - 1 O segundo mandamento da instrução é: 2 Não mate, não cometa adultério, não corrompa os jovens, não fornique, não roube, não pratique a magia nem a feitiçaria. Não mate a criança no seio de sua mãe e nem depois que ela tenha nascido. 3 Não cobice os bens alheios, não



cometa falso juramento, nem preste falso testemunho, não seja maldoso, nem vingativo. 4 Não tenha duplo pensamento ou linguajar pois o duplo sentido é armadilha fatal. 5 A sua palavra não deve ser em vão, mas comprovada na 2 prática. 6 Não seja avarento, nem ladrão, nem fingido, nem malicioso, nem soberbo. Não planeje o mal contra o seu próximo. 7 Não odeie a ninguém, mas corrija alguns, reze por outros e ame ainda aos outros, mais até do que a si mesmo.

CAPÍTULO III - 1 Filho, procure evitar tudo aquilo que é mau e tudo que se parece com o mal. 2 Não seja colérico porque a ira conduz à morte. Não seja ciumento também, nem briguento ou violento, pois o homicídio nasce de todas essas coisas. 3 Filho, não cobice as mulheres pois a cobiça leva à fornicação. Evite falar palavras obscenas e olhar maliciosamente já que os adultérios surgem dessas coisas. 4 Filho, não se aproxime da adivinhação porque ela leva à idolatria. Não pratique encantamentos, astrologia ou purificações, nem queira ver ou ouvir sobre isso, pois disso tudo nasce a idolatria. 5 Filho, não seja mentiroso pois a mentira leva ao roubo. Não persiga o dinheiro nem cobice a fama porque os roubos nascem dessas coisas. 6 Filho, não fale demais pois falar muito leva à blasfêmia. Não seja insolente, nem tenha mente perversa porque as blasfêmias nascem dessas coisas. 7 Seja manso pois os mansos herdarão a terra. 8 Seja paciente, misericordioso, sem maldade, tranquilo e bondoso. Respeite sempre as palavras que você escutou. 9 Não louve a si mesmo, nem se entregue à insolência. Não se junte com os poderosos, mas aproxime dos justos e pobres. 10 Aceite tudo o que acontece contigo como coisa boa e saiba que nada acontece sem a permissão de Deus.

CAPÍTULO IV - 1 Filho, lembre-se dia e noite daquele que prega a Palavra de Deus para você. Honre-o como se fosse o próprio Senhor, pois Ele está presente onde a soberania do Senhor é anunciada. 2 Procure estar todos os dias na companhia dos fiéis para encontrar forças em suas palavras. 3 Não provoque divisão. Ao contrário, reconcilia aqueles que brigam entre si. Julgue de forma justa e corrija as culpas sem distinguir as pessoas. 4 Não hesite sobre o que vai acontecer. 5 Não te pareças com aqueles que dão a mão quando precisam e a retiram quando devem dar. 6 Se o trabalho de suas mãos te rendem algo, as ofereça como reparação pelos seus pecados. 7 Não hesite em dar, nem dê reclamando porque, na verdade, você sabe quem realmente pagou sua recompensa. 8 Não rejeite o necessitado. Compartilhe tudo com seu irmão e não diga que as coisas são apenas suas. Se vocês estão unidos nas coisas imortais, tanto mais estarão nas coisas perecíveis. 9 Não se descuide de seu filho ou filha. Muito pelo contrário, desde a infância instrua-os a temer a Deus. 10 Não dê ordens com rudeza ao seu escravo ou escrava pois eles também esperam no mesmo Deus que você; assim, não perderão o temor de Deus, que está acima de todos. Certamente Ele não virá chamar a pessoa pela aparência, mas somente aqueles que foram preparados pelo Espírito. 11 Quanto a vocês, escravos, obedecem aos seus senhores, com todo o respeito e reverência, como à própria imagem de Deus. 12 Deteste toda a hipocrisia e tudo aquilo que não agrada o Senhor. 13 Não viole os mandamentos do Senhor. Guarde tudo aquilo que você recebeu: não acrescente ou retire nada. 14 Confesse seus pecados na reunião dos fiéis e não comece a orar estando com má consciência. Este é o caminho da vida.

CAPÍTULO V - 1 Este é o caminho da morte: primeiro, é mau e cheio de maldições - homicídios, adultérios, paixões, fornicações, roubos, idolatria, magias, feitiçarias, rapinas, falsos testemunhos, hipocrisias, coração com duplo sentido, fraudes, orgulho, maldades, arrogância, avareza, palavras



obscenas, ciúmes, insolência, altivez, ostentação e falta de temor de Deus. 2 Nesse caminho trilham os perseguidores dos justos, os inimigos da 3 verdade, os amantes da mentira, os ignorantes da justiça, os que não desejam o bem nem o justo julgamento, os que não praticam o bem mas o mal. A calma e a paciência estão longe deles. Estes amam as coisas vãs, são ávidos por recompensas, não se compadecem com os pobres, não se importam com os perseguidos, não reconhecem o Criador. São também assassinos de crianças, corruptores da imagem de Deus, desprezam os necessitados, oprimem os aflitos, defendem os ricos, julgam injustamente os pobres e, finalmente, são pecadores consumados. Filho, afaste-se disso tudo.

CAPÍTULO VI - 1 Fique atento para que ninguém o afaste do caminho da instrução, pois quem faz isso ensina coisas que não pertencem a Deus. 2 Você será perfeito se conseguir carregar todo o jugo do Senhor. Se isso não for possível, faça o que puder. 3 A respeito da comida, observe o que puder. Não coma nada do que é sacrificado aos ídolos pois esse culto é destinado a deuses mortos.

A CELEBRAÇÃO LITÚRGICA

CAPÍTULO VII - 1 Quanto ao batismo, faça assim: depois de ditas todas essas coisas, batize em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. 2 Se você não tiver água corrente, batize em outra água. Se não puder batizar com água fria, faça com água quente. 3 Na falta de uma ou outra, derrame água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. 4 Antes de batizar, tanto aquele que batiza como o batizando, bem como aqueles que puderem, devem observar o jejum. Você deve ordenar ao batizando um jejum de um ou dois dias.

CAPÍTULO VIII - 1 Os seus jejuns não devem coincidir com os dos hipócritas. Eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana. Porém, você deve jejuar no quarto dia e no dia da preparação. 2 Não reze como os hipócritas, mas como o Senhor ordenou em seu Evangelho. Reze assim: "Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai nossa dívida, assim como também perdoamos os nossos devedores e não nos deixes cair em tentação, mas livrai-nos do mal porque teu é o poder e a glória para sempre". 3 Rezem assim três vezes ao dia.

CAPÍTULO IX - 1 Celebre a Eucaristia assim: 2 Diga primeiro sobre o cálice: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre". 3 Depois diga sobre o pão partido: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre. 4 Da mesma forma como este pão partido havia sido semeado sobre as colinas e depois foi recolhido para se tornar um, assim também seja reunida a tua Igreja desde os confins da terra no teu Reino, porque teu é o poder e a glória, por Jesus Cristo, para sempre". 5 Que ninguém coma nem beba da Eucaristia sem antes ter sido batizado em nome do Senhor pois sobre isso o Senhor disse: "Não deem as coisas santas aos cães".

CAPÍTULO X - 1 Após ser saciado, agradeça assim: 2 "Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo nome que fizeste habitar em nossos corações e pelo conhecimento, pela fé e 4 imortalidade que nos revelaste



através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre. 3 Tu, Senhor onipotente, criaste todas as coisas por causa do teu nome e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais e uma vida eterna através do teu servo. 4 Antes de tudo, te agradecemos porque és poderoso. A ti, glória para sempre. 5 Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo o mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu Reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre. 6 Que a tua graça venha e este mundo passe. Hosana ao Deus de Davi. Venha quem é fiel, converta-se quem é infiel. Maranata. Amém." 7 Deixe os profetas agradecerem à vontade.

A VIDA EM COMUNIDADE

CAPÍTULO XI - 1 Se vier alguém até você e ensinar tudo o que foi dito anteriormente, deve ser acolhido. 2 Mas se aquele que ensina é perverso e ensinar outra doutrina para te destruir, não lhe dê atenção. No entanto, se ele ensina para estabelecer a justiça e conhecimento do Senhor, você deve acolhê-lo como se fosse o Senhor. 3 Já quanto aos apóstolos e profetas, faça conforme o princípio do Evangelho. 4 Todo apóstolo que vem até você deve ser recebido como o próprio Senhor. 5 Ele não deve ficar mais que um dia ou, se necessário, mais outro. Se ficar três dias é um falso profeta. 6 Ao partir, o apóstolo não deve levar nada a não ser o pão necessário para chegar ao lugar onde deve parar. Se pedir dinheiro é um falso profeta. 7 Não ponha à prova nem julgue um profeta que fala tudo sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas esse não será perdoado. 8 Nem todo aquele que fala inspirado é profeta, a não ser que viva como o Senhor. É desse modo que você reconhece o falso e o verdadeiro profeta. 9 Todo profeta que, sob inspiração, manda preparar a mesa não deve comer dela. Caso contrário, é um falso profeta. 10 Todo profeta que ensina a verdade mas não pratica o que ensina é um falso profeta. 11 Todo profeta comprovado e verdadeiro, que age pelo mistério terreno da Igreja, mas que não ensina a fazer como ele faz não deverá ser julgado por você; ele será julgado por Deus. Assim fizeram também os antigos profetas. 12 Se alguém disser sob inspiração: "Dê-me dinheiro" ou qualquer outra coisa, não o escutem. Porém, se ele pedir para dar a outros necessitados, então ninguém o julgue.

CAPÍTULO XII - 1 Acolha toda aquela que vier em nome do Senhor. Depois, examine para conhecê-lo, pois você tem discernimento para distinguir a esquerda da direita. 2 Se o hóspede estiver de passagem, dê-lhe ajuda no que puder. Entretanto, ele não deve permanecer com você mais que dois ou três dias, se necessário. 3 Se quiser se estabelecer e tiver uma profissão, então que trabalhe para se sustentar. 4 Porém, se ele não tiver profissão, proceda de acordo com a prudência, para que um cristão não viva ociosamente em seu meio. 5 Se ele não aceitar isso, trata-se de um comerciante de Cristo. Tenha cuidado com essa gente!

CAPÍTULO XIII - 1 Todo verdadeiro profeta que queira estabelecer-se em seu meio é digno do alimento. 2 Assim também o verdadeiro mestre é digno do seu alimento, como qualquer operário. 3 Assim, tome os primeiros frutos de todos os produtos da vinha e da eira, dos bois e das ovelhas, e os dê aos profetas, pois são eles os seus sumos-sacerdotes. 4 Porém, se você não tiver profetas, dê aos pobres. 5 Se você fizer pão, tome os primeiros e os dê conforme o preceito. 6 Da mesma maneira, ao abrir um recipiente de



vinho ou óleo, 5 tome a primeira parte e a dê aos profetas. 7 Tome uma parte de seu dinheiro, da sua roupa e de todas as suas posses, conforme lhe parecer oportuno, e os dê de acordo com o preceito.

CAPÍTULO XIV - 1 Reúna-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer após ter confessado seus pecados, para que o sacrifício seja puro. 2 Aquele que está brigado com seu companheiro não pode juntar-se antes de se reconciliar, para que o sacrifício oferecido não seja profanado. 3 Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: "Em todo lugar e em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro porque sou um grande rei - diz o Senhor - e o meu nome é admirável entre as nações".

CAPÍTULO XV - 1 Escolha bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados pois também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres. 2 Não os despreze porque eles têm a mesma dignidade que os profetas e os mestres. 3 Corrija uns aos outros, não com ódio, mas com paz, como você tem no Evangelho. E ninguém fale com uma pessoa que tenha ofendido o próximo; que essa pessoa não escute uma só palavra sua até que tenha se arrependido. 4 Faça suas orações, esmolas e ações da forma que você tem no Evangelho de nosso Senhor.

O FIM DOS TEMPOS

CAPÍTULO XVI - 1 Vigie sobre a vida uns dos outros. Não deixe que sua lâmpada se apague, nem afrouxe o cinto dos rins. Fique preparado porque você não sabe a que horas nosso Senhor chegará. 2 Reúna-se com frequência para que, juntos, procurem o que convém a vocês; porque de nada lhe servirá todo o tempo que viveu a fé se no último instante não estiver perfeito. 3 De fato, nos últimos dias se multiplicarão os falsos profetas e os corruptores, as ovelhas se transformarão em lobos e o amor se converterá em ódio. 4 Aumentando a injustiça, os homens se odiarão, se perseguirão e se trairão mutuamente. Então o sedutor do mundo aparecerá, como se fosse o Filho de Deus, e fará sinais e prodígios. A terra será entregue em suas mãos e cometerá crimes como jamais foram cometidos desde o começo do mundo. 5 Então toda criatura humana passará pela prova de fogo e muitos, escandalizados, perecerão. No entanto, aqueles que permanecerem firmes na fé serão salvos por aquele que os outros amaldiçoam. 6 Então aparecerão os sinais da verdade: primeiro, o sinal da abertura no céu; depois, o sinal do toque da trombeta; e, em terceiro, a ressurreição dos mortos. 7 Sim, a ressurreição, mas não de todos, conforme foi dito: "O Senhor virá e todos os santos estarão com ele". 8 Então o mundo assistirá o Senhor chegando sobre as nuvens do céu.

Faremos alguns destaques em cada um dos capítulos frisando as obrigações e ensinamentos discipulares.

Os primeiros seis capítulos são chamados de Caminho da Vida e Caminho da Morte. O primeiro capítulo trata do relacionamento radical dos discípulos como o mundo, com seus inimigos e com seus próprios sentimentos. Como o Apóstolo Paulo ensinou, os discípulos são aqueles que em tudo se dominam e por nada se deixam levar (1Co 6.12 falando até mesmo das coisas lícitas que poderiam afastá-lo



do Senhor). No segundo capítulo destacamos a relação dos discípulos quanto aos bens alheios, tanto em não roubar quanto também não desejar. No terceiro capítulo é um convite a se afastar de tudo que é suspeito e com aparência de bem, mas no fundo um mal como as adivinhações. Há uma chamada para o cuidado no falar também. O capítulo quatro lembra os discípulos da gratidão em relação àqueles que ensinam a Palavra de Deus e contra a hipocrisia e a má consciência que podem denegrir e trazer problemas espirituais aos discípulos. No capítulo cinco estão alistados os vários pecados que um discípulo deve evitar a todo custo e analisar se não é seduzido por eles. Recordemos aqui: *"homicídios, adultérios, paixões, fornicações, roubos, idolatria, magias, feitiçarias, rapinas, falsos testemunhos, hipocrisias, coração com duplo sentido, fraudes, orgulho, maldades, arrogância, avareza, palavras obscenas, ciúmes, insolência, altivez, ostentação e falta de temor de Deus"*. O capítulo seis é um convite a ter atenção às companhias que podem desviar o discípulo do caminho lhe oferecendo conselhos e até comida sacrificada.

Os capítulos de sete a dez são chamados de Celebração Litúrgica e dizem respeito à vida de dos discípulos como igreja e como família de Deus. O capítulo sete traz orientações a respeito do batismo podendo ser por imersão e, na falta desta possibilidade, o batismo por infusão (derramando água na cabeça três vezes). O capítulo oito trata da discipulação e segredo ao orar e jejuar modelo ensinado por Jesus no Sermão do Monte. O capítulo nove é uma orientação da forma e ministrar a Ceia do Senhor e as restrições de participação na Ceia. O capítulo 10 é uma oração e um modelo de como orar grato ao Senhor pela participação no seu Corpo.

A terceira parte vai dos capítulos 11 a 15 e tratam da Vida em Comunidade. O capítulo 11 trata de como discernir um apóstolo e um profeta por sua forma de se comportar e ensinar. O capítulo 12 trata da hospitalidade que todo o discípulo deve ter e aprender. O capítulo 13 fala do sustento e cuidado dos profetas e dos pobres. No capítulo 14 trata da comunhão geral aguardada pela comunidade e de nunca se reunirem com pendências em seus relacionamentos. O capítulo 15 trata da escolha de bispos e diáconos e da correção que os discípulos devem realizar uns com os outros no comportamento e na fé.



Finalmente, a quarta parte que contém apenas o capítulo 16 trata do final dos tempos. Assim, o Didaquê fala de tempos de provas e perseguições e da necessidade dos discípulos se manterem cada vez mais unidos à medida que o Dia do Senhor está se aproximando.

1.3. O Credo Apostólico – uma forma de discipular muito usado

Creio em Deus, Pai todo-poderoso,
Criador do céu e da terra.
E em Jesus Cristo, seu Filho unigênito, nosso Senhor,
o qual foi concebido pelo Espírito Santo,
nasceu da virgem Maria,
padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos,
foi crucificado, morto e sepultado,
desceu ao mundo dos mortos,
ressuscitou no terceiro dia,
subiu ao céu, e está sentado à direita de Deus Pai, todo-poderoso, de onde
virá para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo,
na santa Igreja cristã, a comunhão dos santos,
na remissão dos pecados,
na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém.

Reformadores e pastores de todos os tempos tem escrito e dado importância ao Credo Apostólico. Lutero, por exemplo, afirmava que um pastor deveria não apenas ser capaz de recitar de cor o Credo Apostólico, mas ser capaz de explicá-lo em dois níveis. Primeiramente aos novos convertido e iniciantes na fé cristã e no nível de profundidade aos mais experientes. Nisto se baseiam os Catecismo Menor e o Catecismo maior, que ainda incluíam os Dez Mandamentos, a oração do Pai-Nosso, orientações sobre o batismo, sobre a Ceia do Senhor e sobre Bênçãos. Tomando como referência a Coletânea de Escritos de Martinho Lutero (São Paulo: Vida Nova, 2017. Pág. 251) lemos:

A condição deplorável e miserável que experimentei ultimamente quando também fui um visitante [das paróquias] me forçou a elaborar este catecismo ou esta doutrina cristã nesta forma breve, singela e simples. Misericórdia, Bom Deus. A cena era muito miserável: o homem simples, especialmente nas vilas, não tem conhecimento algum da doutrina cristã, aliás, infelizmente muitos pastores são incapazes e incompetentes para ensinar. Ainda assim, todos são chamados de cristãos, foram batizados e receberam o santo sacramento, embora não conheçam o Pai-Nosso, o Credo nem os Dez Mandamentos e vivam como o obre gado e os porcos irracionais. E agora que o Evangelho chegou, eles aprenderam de maneira sutil a abusar de toda liberdade.



Os credos, porque há vários, são conteúdos resumidos e diretos das principais doutrinas a serem seguidas pelos discípulos de Cristo e, além de sintetizar os ensinamentos de Cristo e das Escrituras, também orientam os discípulos em meio a um mar de ideias cristãs divergentes e heresias. O nascimento virginal de Cristo e sua humanidade são duas doutrinas fundamentais da cristologia, mas fortemente atacadas por doutrinas heréticas, como o gnosticismo, que afligiu a igreja ainda no período patrístico.

No Brasil, o Credo Apostólico é ignorado completamente pela maior parte das igrejas evangélicas e protestantes. Muitos crentes, enganosamente, definem o Credo Apostólico como uma oração católica e não o conhecem e não se referem a ele em momento algum, assim como outros credos. É muito difícil valorizá-lo sem ser confundido com o catolicismo.

Segundo Lutero, basicamente, o que nos é ensinado por meio do Credo é que: há somente um Deus que tudo governa e dele provem tudo que somos e temos, Jesus é nosso Senhor a quem devemos nossa vida com obediência e fidelidade já que Satanás disputa nossas vidas e corações, o Espírito Santo está presente nos crentes com o Outro Consolador e Santificador, os discípulos são parte da *communio sanctorum* (comunidade santo – igreja) e isto trás consequências diretas sobre a vida e agenda dos crentes em Cristo. A igreja é o ambiente do serviço, da comunhão e da prática das ordenanças.



Os credos tinham caráter batismal, doutrinal e litúrgico. Quando as formas fixas de credo começaram a surgir a partir dos materiais bíblicos, eles provavelmente fizeram isso em primeiro lugar no contexto do batismo. Um credo oferecido aos candidatos a oportunidade de fazer a confissão dos lábios exigidos em Romanos 10.9-10. Na primeira forma as palavras variam, mas padrões familiares logo começaram a se desenvolver. Há credos fragmentários do segundo século, como por exemplo, o papiro *DerBalyzeh*, que defendem a tese de que os credos rapidamente tornaram-se trinitarianos, ou eram assim desde o início. Isso está implícito também no Didaquê VII.1, e fundamentada pela Tradição Apostólica de Hipólito. A opinião comum é que o modo de confissão era mais responsivo do que declaratória. Com vista à confissão batismal, o credo logo veio a servir como um programa para a instrução na doutrina cristã. O nível de ensino pode variar de simples exposição à apresentação avançado teológico das catequeses de Cirilo de Jerusalém, no século IV. Todos os candidatos, no entanto, tinham que captar e exibir alguma compreensão da profissão que iria fazer. Um compromisso sincero foi exigido, bem como apreensão intelectual. Doutrinariamente, o aumento das heresias ajudou a expandir as primeiras demonstrações rudimentares nas fórmulas mais desenvolvidas séculos mais tarde. Uma frase como "criador do céu e da terra" foi provavelmente introduzida para neutralizar a heresia gnóstica do deus verdadeiro e do criador, enquanto a referência ao nascimento virginal e a pressão sobre a morte de Cristo salvaguardava a realidade da vida humana de Jesus e ministério. A heresia ariana produziu outra safra de adições (nomeadamente "de uma substância com o Pai") destinada predominantemente à divindade essencial expressa de Cristo. Essas modificações deram os credos uma nova função como uma chave para a compreensão adequada das Escrituras (Tertuliano) e como testes da ortodoxia para o clero. Liturgicamente, o credo teve desde o primeiro momento uma função litúrgica. Percebeu-se, no entanto, que a confissão de fé é um componente de toda a verdadeira adoração. Isto levou à incorporação do Credo de Nicéia na sequência regular do culto, primeiramente no Oriente, em seguida, na Espanha, e, finalmente, em Roma. Colocando o credo após a leitura das Escrituras tornou possível para os crentes a responder ao evangelho com um indivíduo ou afirmação de fé congregacional¹¹.

1.4. Discípulos nos tempos de Constantino

Ainda há muita controvérsia com relação às grandes mudanças que o cristianismo sofreu a partir do século IV quando se tornou a religião oficial do Império Romano sob o comando do Imperador Constantino. As perseguições terminaram, foi possível começar a pensar nas doutrinas de forma mais intensa. Os primeiros Concílios importantes e decisivos surgiram. Neles se discutiu a cristologia, o Cânon NT, entre outros assuntos. Ao contrário dos três séculos anteriores, onde ser cristão era de fato muito arriscado e muitos morreram sob a ação dos imperadores romanos, agora havia vantagens em ser cristão e ser um clérigo. Na opinião de muitos foi o início de uma corrupção sem fim na igreja, uma vez que a igreja começou a acumular

¹¹ Texto de <http://mb-soft.com/believe/ttcm/creed.htm> com adaptações e correções.



prestígio, bens materiais e poder junto ao Imperador. A igreja já vivia divisões por causa do crescimento e consolidação do gnosticismo¹² desde o final do século II.

Constantino foi o primeiro imperador romano a professar o cristianismo e a mudar profundamente a história. Abriu caminho para a Cristandade que se tornou um agente político social a mudar a história. Constantino, no ano 313 d.C., era Romano do Ocidente, enquanto Licínio e Maxímimo governavam o Império Romano do Oriente. Constantino e Licínio concederam liberdade de religião. No entanto, Constantino favorecia o cristianismo, acreditando que essa religião unificaria seu império. Próximo à igreja ele percebeu que havia muitas divisões e que a igreja deveria se unir em torno de suas doutrinas, ao mesmo tempo em que sufocaria todas as doutrinas ditas heréticas e nocivas. O historiador Charles Freeman comentou: *“Se aceitassem a versão ‘correta’ da doutrina cristã, [os líderes religiosos] teriam acesso não apenas ao céu, mas também a uma grande quantidade de recursos na Terra.”* A igreja ganhou autoridade, mas ficou subjugada ao um novo senhor, dono: o Imperador. Nisto reside um grande incômodo narrado pelos historiadores. Constantino ainda manteve práticas pagãs como a astrologia e a adivinhação. No Arco de Constantino em Roma, por exemplo, o imperador é retratado oferecendo sacrifício a deidades pagãs. Ele continuou a venerar o deus-sol por cunhar moedas com sua imagem e promover o culto desse deus. Além disso, no

¹²Gnosticismo (Γνωστικισμός; transl.: gnostikismós); (gnosis): 'conhecimento', (gnostikos): aquele que tem o conhecimento) é um conjunto de correntes filosófico-religiosas sincréticas que chegaram a mimetizar-se com o cristianismo nos primeiros séculos de nossa era (sendo ele muitas vezes referenciado como "Alta Teologia"), vindo a ser declarado como um pensamento herético após uma etapa em que conheceu prestígio entre os intelectuais cristãos. Se originou no primeiro e segundo século d.C. Com base em leituras do Pentateuco e outros escritos bíblicos, esses sistemas acreditavam que o mundo material era criado por uma emanção do deus supremo, prendendo a faísca divina no corpo humano. Esta faísca divina poderia ser liberada pela gnose desta faísca divina. As ideias e os sistemas gnósticos floresceram no mundo mediterrâneo no século II d.C, em conjunto e influenciados pelos primeiros movimentos cristãos e pelo platonismo médio. Após o Segundo Século, um declínio se estabeleceu, mas o gnosticismo persistiu ao longo dos séculos como uma subintendência da cultura ocidental, remanifestando com o Renascimento como o esoterismo ocidental, assumindo a proeminência com a espiritualidade moderna. No Império Persa, o gnosticismo se espalhou até a China com o maniqueísmo, enquanto o mandeísmo ainda está vivo no Iraque. O gnosticismo foi inicialmente definido no contexto cristão embora alguns estudiosos suponham que o gnosticismo se desenvolveu antes ou foi contemporâneo do cristianismo, não há textos gnósticos até hoje descobertos que sejam anteriores ao cristianismo. O estudo do gnosticismo, e do cristianismo primitivo de Alexandria, recebeu forte impulso a partir da descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi, em 1945.



final de sua vida, Constantino permitiu que um povoado na Úmbria (Itália), construísse um templo dedicado a ele e sua família e nomeasse sacerdotes para esse templo.

Alguns fatos sobre a história de Constantino:

1. Constantino se batizou como 337 a.C. pouco antes de morrer, o que para muitos foi muito mais um ato político do que espiritual. Este demora no seu batismo revela algo de errado com sua fé.
2. Em 306 EC, Constantino se tornou imperador do Império Romano do Ocidente e, entre 324 e 337 EC, governou tanto o império do Ocidente como o do Oriente.
3. Constantino alegava que, por meio de um sonho ou visão, o Deus dos cristãos tinha prometido ajudá-lo em suas batalhas.
4. Certo de que Deus o tinha ajudado a vencer uma batalha, Constantino “ordenou imediatamente” que uma lança em forma de cruz fosse colocada na mão de uma estátua de si mesmo, que estava “no lugar mais frequentado de Roma”.
5. Constantino usava o título pagão Pontifex Maximus (sumo pontífice), ou sacerdote supremo, e se considerava o soberano absoluto de todas as religiões em seu império.



O Arco de Constantino comemora a vitória do imperador em batalha e revela prática de atos pagãos

6. “Um bom imperador — até mesmo um bom cristão — mais cedo ou mais tarde teria de escolher entre perder o céu e perder o poder. Constantino tinha acabado de assumir o trono. Por isso, ele estava disposto a fazer de tudo para continuar no poder — até mesmo pecar” (Richard Rubenstein, professor de relações públicas e de resolução de conflitos).
7. “Sem dúvida, podemos afirmar que, pelo menos na fase final de sua vida, Constantino foi cristão, desde que não levemos em conta a qualidade de



seu cristianismo.” — (Paul Keresztes, professor de História e de antiguidade clássica).

Cada um pode tirar suas próprias conclusões e ver que vantagens e desvantagens houve com a oficialização do cristianismo no Império Romano. Por um lado, foi possível avançar nas doutrinas, fechar e oficializar o Cânon do NT, surgiram credos que criaram estrutura de pensamento que consolidaram o pensamento do cristianismo, as igrejas com seus templos puderam ser estabelecidas e o cuidado pastoral pode ser estabelecido em comunidades mais estáveis. Por outro lado, conversões por interesses financeiros, políticos e sociais acumularam-se, inclusive no clero. Uma igreja governada por Sumo Pontífice que não cumpre as mínimas exigências cristãs, como o batismo, é um problema em si. Neste sentido, ser cristão se revestia de uma dificuldade especial: ser fiel em um mundo onde havia estabilidade, mas no qual pouco a pouco a verdade era diluída com o paganismo, e mesmo com as estruturas greco-romanas que tanto a própria igreja combatera nos três séculos anteriores.

1.5. O monasticismo e a nova forma de viver o Evangelho

Podemos assumir uma postura muito crítica em relação ao monasticismo cristão como um movimento ascético sem maiores repercussões na vida da igreja e na influência da história. No entanto, um olhar mais aproximado mostra exatamente o contrário. Os monges (mosteiros) foram centros de reprodução do texto sagrado, centros de resistência cristã em tempos de apostasia, foram responsáveis pela ciência e pelo conhecimento adquirido e acumulado por séculos. O indiano Vish Mangalwadi, em seu livro chamado *O livro que fez o seu mundo: como a Bíblia criou a alma da civilização ocidental*, faz um contraste entre a evolução do ocidente que, segundo ele, foi construído sobre os fundamentos bíblicos do progresso humano como parte do cumprimento da vontade de Deus de crescer, multiplicar e dominar a criação e, com o atraso tecnológico e humanitário na Índia causado, em parte, pelos monges indianos que defendem o conceito de supressão do pensamento e da ideia do trabalho braçal como indigno ou como expressão de uma vida inferior (conceito das castas). Ocidente promoveu grande evolução do mundo pela criação de



máquinas, ferramentas e processos criados pelos monges cristãos que tinham o trabalho como forma de culto e louvor a Deus.

Devemos notar, também, que tendo nascido no Oriente, o cristianismo ganha força no Ocidente, ambiente fortemente pagão, e surge como uma força que muda as estruturas do Ocidente. Os monges tem papel fundamental nesta mudança e na tradução destes conceitos dentro de ambiente complexo e hostil, mas assim como as várias fases que estamos analisando, não podemos afirmar que o monasticismo sempre foi padronizado e que não sofreu mudanças e divisões. Pelo contrário, é um movimento com muitas mudanças, transições e reveses. Inclui também momentos de apostasia, apatia, escândalos e corrupções. Os monges eram discípulos que também formavam novos discípulos como parte da regra que seguiam (seguem).

O monasticismo cristão surge em um ambiente onde todos nascem no cristianismo e são, por assim dizer, cristãos de nascimento. Nós devemos sempre nos lembrar do que Constantino fizera pouco tempo atrás. Aderir ao cristianismo na forma de um monge era tido como uma forma segura de alcançar a vida eterna e contrastar com aquele mundo corrompido. Fugir da sociedade era uma forma de servir a Deus com sinceridade, fidelidade, verdade e abnegação.

Os líderes religiosos eram cada vez mais ricos, arrogantes e poderosos, além de corrompidos. Havia, com já dissemos, muitas vantagens do ofício cristão. Em função disto, apesar das variações dos mosteiros, ou das ordens monásticas, os votos de pobreza e castidade, além da presença unicamente masculina, faziam parte dos conceitos (ou regras) dos mosteiros. Além disto, como parte disto, ainda podemos incluir a mortificação da carne, com longos jejuns que levaram muitos monges aos extremos da resistência e a sérios problemas de saúde, orações interruptas como forma de orar sem cessar e, que tinham como propósito, também, afastar as tentações malignas que podiam vir de todos os lados e também de seus corações. Esta busca pela perfeição era também uma tentativa de alcançar a garantia de vida eterna¹³. Se, como vimos anteriormente, os discípulos se

¹³ Vale a pena olhar com atenção a vida de homens como João Crisóstomo e Santo Antão (o primeiro eremita que se tem registro) que lutaram contra a carne e os desejos sexuais ao extremo e, até mesmo, com grande prejuízo da própria saúde. Este ambiente radical e intenso também gerou



diferenciavam por sua fé em Cristo ressurreto, em um ambiente onde *todos são*¹⁴ *crístãos*, o destaque se dá pela severidade da vida que se vive. A vida comum transcorria em templos suntuosos e sob muita pompa. A igreja tinha enriquecido materialmente e se distanciava da simplicidade original. A solução era fugir, sair da cidade, ir para longe, para os desertos, montanhas, locais recônditos e distantes. Os primeiros movimentos, como de Santo Antão (nascido em Heracleópolis em 251d.C. e morre em 356d.C. no Egito Romanos aos 105 anos de idade) eram movimentos individuais e esparsos e estes receberam, também, o nome de *pais do deserto*¹⁵. Logo, homens como Pacômio, discípulo de Palimão no Egito, fundou uma das primeiras comunidades monásticas do Oriente com um conjunto de normas

graves distorções, como por exemplo, a visão de que uma mulher poderia ser um agente do mal e ser evitada a todo custo. É o que podemos chamar de misoginia. Muito tempo mais tarde, já no alto da Idade Média, o livro Martelo das Bruxas, com a ideia dos incubos e dos súcubos, vai reforçar ao máximo a misoginia e será um período tenso para as mulheres. Veja o que é ilustrado por um fragmento do texto hagiográfico sobre a vida de Santo Antão ou Antônio do Egito, escrito por Santo Atanásio, morto por volta do ano 373: “*O inimigo queria sugerir-lhe pensamentos baixos, mas ele os dissipava com orações; procurava incitá-lo ao prazer, mas Antão, envergonhado, cingia seu corpo com sua fé, orações e jejuns. Atreveu-se então o perverso demônio a disfarçar-se em mulher e fazer-se passar por ela em todas as formas possíveis durante a noite, só para enganar a Antão. Mas ele encheu seus pensamentos de Cristo, refletiu sobre a nobreza da alma criada por Ele, e sua espiritualidade, e assim apagou o carvão ardente da tentação. E quando de novo o inimigo lhe sugeriu o encanto sedutor do prazer, Antão, enfadado com razão, e entristecido, manteve seus propósitos com a ameaça do fogo e dos vermes. Sustentando isto no alto, como escudo, passou por tudo sem se dobrar*”. (Vida de Santo Antão)

¹⁴ De modo geral podemos afirmar que o edito de Constantino, que oficializou o cristianismo e criou a cristandade, foi também o primeiro movimento no sentido de criar o nominalismo cristão, ou seja, aqueles que recebem o nome de cristãos sem a experiência da regeneração e da vida de seguimento e obediência a Cristo.

¹⁵ Chamamos de Pais do Deserto um grupo influente de eremitas e cenobitas dos séculos III e IV que se estabeleceram no deserto egípcio. Eles foram os primeiros monges. Segundo os historiadores, Paulo de Tebas é o primeiro eremita do qual se tem notícia a estabelecer a tradição do ascetismo e contemplação monástica e Pacômio de Tebaida é considerado o fundador do cenobitismo, do monasticismo primitivo. Porém o grande Pai do Monaquismo Oriental é o venerado Antão do Egito que começou as várias colônias de eremitas na região central. Ele se tornou o protótipo do monge religioso da Igreja oriental, uma fama causada em virtude dos escritos de Atanásio sobre ele. Os Pais do Deserto tiveram uma enorme influência no desenvolvimento do cristianismo primitivo. As comunidades monásticas do deserto que cresceram destes encontros informais de monges eremitas se tornaram o modelo para o monasticismo cristão. A tradição monástica oriental, representada em Monte Atos, e ocidental, sob a Regra de São Bento, foram ambas fortemente influenciadas pelas tradições iniciadas no deserto. Talvez devido a esse testemunho de busca intensa a vontade de Deus, muitas pessoas saíam das cidades e iam a sua procura em busca de direção espiritual para suas vidas e seus problemas. Muitos desses conselhos foram coletados em um trabalho chamado “Paraíso” ou “Apotegmas dos Padres” (Por Emily K. C. Strand, tradução Jandira).



extremamente rígidas o que não lhes deu muita popularidade. A regra criada era bem rígida, de caráter militar, prezando a disciplina, no entanto não ganhou muitos adeptos na região, predominando o rigoroso modo de vida eremítico. Por volta de 391, Agostinho, bispo de Hipona, em sua sede episcopal fundou uma comunidade religiosa e também criou, posteriormente, um conjunto de regras para o seu grupo que reproduziremos aqui:

REGRA DE SANTO AGOSTINHO

INTRODUÇÃO

01. Antes de tudo, caríssimos irmãos, amemos Deus e depois ao próximo, porque estes são os principais mandamentos que nos foram dados.

02. Eis aqui o que mandamos que observem vocês que vivem em comunidade.

CAPÍTULO I: O IDEAL FUNDAMENTAL: AMOR E COMUNIDADE

03. Em primeiro lugar - já com este fim vocês se congregaram em comunidade - vivam unânimes em casa e tenham uma só alma e um só coração orientados para Deus.

04. E não possam nada como próprio, mas tenham tudo em comum, e que o Superior distribua a cada um de vocês o alimento e a roupa, não igualmente a todos, pois nem todos são da mesma compleição, mas a cada qual segundo o necessitar; conforme o que podem ler nos Atos dos Apóstolos: "Tinham todas as coisas em comum e se repartia a cada um segundo a sua necessidade".

05. Os que tinham algo na sociedade quando entraram para a casa religiosa, coloquem de bom grado à disposição da comunidade.

06. E os que nada possuíam, não busquem na sua casa religiosa aquilo que fora dela não puderam possuir. No entanto, conceda-se à sua debilidade o quanto for necessário, ainda que sua pobreza, quando for necessário, ainda que sem sua pobreza, quando estavam na sociedade, não lhes fosse possível dispor nem mesmo do necessário. Mas por isso se considerem felizes por haverem encontrado o alimento e a roupa que não podiam possuir enquanto estavam fora.

07. Nem se orgulhem por ver-se associados àqueles aos quais fora nem se atreviam a aproximar-se; pelo contrário, elevem seu coração e não busquem as vaidades terrenas e não aconteça que as comunidades comecem a ser úteis para os ricos e não para os pobres, se nela os ricos se fazem humildes e os pobres altivos.

08. E aqueles que eram considerados algo diante da sociedade, não se atrevam a desprezar a seus irmãos que vieram à santa sociedade sendo pobres. Pelo contrário, devem se gloriar muito mais pela comunidade dos irmãos pobres que da condição de seus pais ricos. Nem se vangloriem por ter trazido alguns de seus bens à vida comum, nem se ensoberbeçam ainda



mais por suas riquezas por havê-las compartilhado com a comunidade de que se as desfrutassem na sociedade. Pois, acontece que outros vícios levam a executar más ações; a soberba, entretanto, se insinua até nas boas ações para que pereçam. E de que adianta distribuis as riquezas aos pobres e fazer-se pobre se a alma se torna mais soberba desprezando as riquezas do que as possuindo?

09. Vivam todos, pois, em união de alma e coração, e honrem a Deus uns nos outros, do qual vocês foram feitos templos vivos.

CAPÍTULO II: ORAÇÃO E COMUNIDADE

10. Perseverem nas orações fixadas para as horas e tempos de cada dia.

11. No oratório ninguém faça senão aquilo para o qual foi destinado, daí de onde vem o nome; para que se por acaso houver alguns que, tendo tempo, quiserem orar fora das horas estabelecidas, não sejam impedidos por aquele que ali queira fazer outra coisa.

12. Quando orarem a Deus com salmos e hinos, que o coração sinta aquilo que profere a voz.

13. E não desejem cantar senão aquilo que está mandado que se cante; porém, o que não está escrito para ser cantado, que não se cante.

CAPÍTULO III: COMUNIDADE E CUIDADO DO CORPO

14. Submetam sua carne com jejuns e abstinências no comer e no beber, conforme a saúde o permitir. No entanto, quando alguém não puder jejuar, nem por isso tome alimentos fora de hora da refeição, a não ser que se encontre enfermo.

15. Desde que se sentarem à mesa até se levantarem escutem sem ruído nem discussões aquilo que segundo o costume, lhes for lido; para que não apenas a boca receba o alimento, mas também o ouvido sinta fome da palavra de Deus.

16. Se os fracos, em razão de seu modo anterior de viver, são tratados de maneira diferente quanto à comida, isso não deve incomodar os outros, nem parecer injusto àqueles aos quais outros costumes fizeram-nos mais fortes. E estes não considerem aqueles mais felizes, porque recebem o que não lhes é concedido, mas, antes, devem se alegrar, porque podem suportar o que os mais fracos não podem.

17. E se àqueles que vieram à casa religiosa de uma vida mais privilegiada lhes for concedido algum alimento, roupa, agasalho ou cobertor, que não é dado aos outros mais fortes e, portanto, mais felizes, estes que não o recebem, devem pensar o quanto desceram aqueles de sua vida anterior na sociedade até esta vida, ainda que não tenham conseguido chegar à frugalidade dos que têm uma constituição mais vigorosa. Nem devem querer tudo o que veem receber a alguns poucos, não como honra, senão como tolerância; não aconteça a detestável perversidade de que na casa religiosa, onde na medida em que possam se tornam mortificados os ricos e se convertam em privilegiados os pobres.



18. Da mesma forma, assim como os enfermos necessitam comer menos para que não se agravem, assim também depois da enfermidade devem ser cuidados de tal forma que se restabeleçam logo, mesmo quando tenham vindo da sociedade de uma humilde pobreza; como se a enfermidade recente lhes concedesse o mesmo que aos ricos em seu antigo modo de viver. Porém, uma vez reparadas as forças, voltem à sua feliz norma de vida, tanto mais adequada aos servos de Deus quanto menos necessitem. E que o prazer não os retenha, estando já sadios ali onde os colocou a necessidade, quando se encontram enfermos. Assim, pois, considerem-se mais afortunados aqueles que são mais fortes em suportar a frugalidade; porque é melhor necessitar menos que ter muito.

CAPÍTULO IV: RESPONSABILIDADE MÚTUA

19. Não procurem chamar a atenção pela forma de andar, nem agradar pelas roupas, mas sim pela conduta.

20. Quando saírem de casa, vão juntos; quando chegarem ao lugar para onde se dirigem, permaneçam juntos.

21. No andar, no estar parados e em todos os seus movimentos, não façam nada que incomode àqueles que os veem, mas aquilo que está de acordo com a consagração de vocês.

22. Ainda que seus olhos se encontrem com alguma mulher, não os detenham em nenhuma. Porque não lhes é proibido ver mulheres quando saírem de casa; o que é pecado é desejá-las ou querer ser desejados por elas. Pois não apenas com o toque e o afeto, mas também com o olhar se provoca e nos provoca desejo das mulheres. Não digam que têm a alma pura se os olhos são impuros, pois o olhar impuro é indício do coração impuro. E quando, mesmo sem nada dizer, os corações denunciam sua impureza com olhares mútuos e, cedendo ao desejo da carne, se deleitam com ardor recíproco, a castidade desaparece dos costumes, mesmo que os corpos permaneçam livres da violação impura.

23. Assim também, o que fixa o olhar numa mulher e se deleita em ser olhado por ela não deve supor que não é visto por ninguém quando faz isto; certamente que é visto e por aqueles que ele nem imagina que possam ver. Porém, mesmo que permaneça oculto e não seja visto por ninguém, que dirá d'Aquele que conhece o coração de cada pessoa e a quem nada se pode ocultar? Ou se pode crer que não vê porque o faz com tanto maior paciência quanto maior é sua sabedoria? Tema, pois o homem consagrado desagradar Aquele, para que não queira agradar pecaminosamente uma mulher. E para que não deseje olhar com malícia uma mulher, pense que o Senhor tudo vê. Pois é por isto que se nos recomenda o temor, segundo está escrito: "Abominável é diante do Senhor aquele que fixa o olhar".

24. Portanto, quando estiverem na Igreja em qualquer outro lugar onde houver mulheres, guardem-se mutuamente sua pureza; pois Deus, que habita em vocês, os guardará também, deste modo, por meio de vocês mesmos.

25. E se observarem em algum de seus irmãos esta descompostura no olhar de que lhes falei, advertam-no logo para que não progrida o que se iniciou, mas que se corrija o quanto antes.



26. Porém, se novamente depois desta advertência ou qualquer outro dia o virem cair no mesmo erro, aquele que o surpreender denuncie-o imediatamente como uma pessoa ferida, que necessita de cura; no entanto, antes de denunciá-lo trate do assunto com outra pessoa ou também com um terceiro, para que com a palavra de dois ou três possa ser convencido e repreendido com a severidade conveniente. Não pensem que procedem com má vontade quando fazem isto. Pelo contrário, pensem que não serão inocentes se, calando, permitirem que pereçam seus irmãos, aos quais poderiam corrigir advertindo-os a tempo. Porque se seu irmão tivesse uma ferida no corpo, ocultando-o por medo da cura, não seria cruel silenciá-lo e ato de caridade manifestá-lo. Pois então, com maior razão deve-se denunciá-lo para que não se corrompa ainda mais o seu coração.

27. Porém, no caso de negá-lo, antes de expor o assunto aos que deverão tratar de convencê-lo, deve ser denunciado ao Superior, com intenção de que, corrigindo-o secretamente, possa evitar que chegue ao conhecimento de outros. No entanto, se o negar, convoquem os outros diante do que dissimula para que perante todos possa, não mais ser interrogado por uma só testemunha, mas ser convencido por dois ou três. Uma vez convencido, deve cumprir o corretivo que julgar oportuno o Superior ou presbítero, a quem pertence dirimir a causa. Se se recusar a cumpri-lo, mesmo quando ele não tome a iniciativa, seja eliminado da comunidade. Não se faz isto por espírito de crueldade, senão de misericórdia, pois não aconteça que com sua influência nociva ponha a perder outros muitos.

28. E o que foi dito com relação ao olhar, observe-se com diligência e fidelidade ao averiguar, proibir, indicar, convencer e castigar os demais pecados, procedendo sempre com amor para com as pessoas e ódio para com os vícios.

29. E agora, se alguém houver progredido tanto no mal, que tenha chegado a receber cartas ou algum presente de mulher, se espontaneamente o confessar, seja perdoado e ore-se por ele; porém, se for surpreendido e convencido de sua falta, seja castigado com uma maior severidade segundo o juízo do presbítero ou do Superior.

CAPÍTULO VI: SERVIÇO MÚTUO

30. Guardem suas roupas num lugar comum sob o cuidado de uma ou de duas pessoas ou de quantas forem necessárias para sacudi-las, a fim de que não fiquem empoeiradas. Da mesma forma como se alimentam de uma só despensa, assim também devem vestir-se de um mesmo guarda-roupa. Na medida do possível, que não sejam vocês os que decidam a respeito das roupas adequadas para usar em cada tempo, nem se cada qual deve receber o mesmo que havia usado ou o já usado por outro, contanto que não se negue a cada um o que necessitar. Porém se por causa disto surgem disputas e murmurações entre vocês, queixando-se alguém por haver recebido algo pior do que deixara, e se sentir menosprezado por não receber uma roupa semelhante à de outro irmão, julguem por aí o quanto lhes falta a santa veste do coração, quando assim ficam discutindo pela veste do corpo. Porém, se por sua fraqueza for tolerado que recebam o mesmo que deixaram, guardem, no entanto, o que usam num lugar comum, sob o cuidado dos encarregados.

31. E isto há de ser de tal modo que ninguém trabalhe em nada para si mesmo, mas que todos os seus trabalhos se realizem para o bem da comunidade, com maior cuidado e prontidão de ânimo como se cada um o fizesse para si mesmo. Porque a caridade da qual está escrito que "não



busca os próprios interesses", se entende assim: que antepõe às coisas da comunidade à próprias e não as próprias às comuns. Por conseguinte, saberão que mais adiantaram na perfeição quanto mais tenham cuidado das coisas comuns que das próprias; de tal modo, que em todas as coisas que utiliza a necessidade transitória sobressaia a caridade, que permanece.

32. De onde se segue que, se um religioso receber alguma coisa de seus pais ou parentes, como uma roupa ou qualquer outra coisa considerada necessária, não a guarde ocultamente, mas entregue-a ao Superior para que, tornando-a comum, seja entregue a quem tiver necessidade.

33. Lavem a roupa segundo a norma dada pelo Superior, seja por vocês, seja pelos encarregados de lavá-las, porém não suceda que o desejo exagerado de levar a roupa limpa chegue a causar manchas na alma.

34. Não se negue tampouco o banho do corpo, quando a necessidade o aconselhar; porém, seja feito sem murmuração, seguindo a orientação do médico, de tal modo que, mesmo o enfermo não querendo, o faça por ordem do Superior aquilo que convém para a saúde. Porém, se não convém, não se atenda à mera satisfação, porque, à vezes, ainda que prejudique, se crê que é proveitoso o que agrada.

35. Por fim, se algum servo de Deus se queixar de alguma dor latente no corpo, dê-se-lhe crédito sem dúvidas; no entanto, se não se tiver certeza de que se deve dar o que lhe agrada para curá-lo, consulte-se então o médico.

36. Que ninguém vá aos banhos públicos ou a qualquer outro lugar onde for necessário menos de dois ou três. E aquele que precisar ir a alguma parte, não vá com quem queira, mas com quem mandar o Superior.

37. Para cuidar dos enfermos, dos convalescentes, ou daqueles que mesmo sem Ter febre, padecem alguma enfermidade, seja encarregado um irmão para que peça da despensa o que cada qual necessitar.

38. Os encarregados da despensa, das roupas ou dos livros sirvam a seus irmãos sem remuneração.

39. Que os livros sejam solicitados cada dia no horário determinado e, se alguém os pedir fora de hora, não lhes seja concedido.

40. Que os encarregados das roupas e do calçado não os neguem quando aqueles que os pedirem deles necessitam.

CAPÍTULO VI: CARIDADE E CORREÇÃO FRATERNA

41. Não haja contendas entre vocês, ou se as houver, terminem-nas depressa para que a ira não chegue até o ódio e de uma palha se faça uma viga, convertendo-se a alma em homicida; pois assim se lê: "O que odeia seu irmão é homicida".

42. Aquele que ofender alguém com injúria, ultraje ou acusando-o de alguma falta, procure remediar o quanto antes o mal que provocou e aquele que foi ofendido perdoe-o logo, sem vacilar. Porém se tiverem se ofendido mutuamente, devem se perdoar a ofensa, porque, do contrário, a sua recitação do Pai Nosso se transforma numa mentira. No mais, quanto mais frequentes forem suas orações, com tanta maior sinceridade devem fazê-las. Contudo, é muito melhor alguém que, mesmo, deixando-se levar pela



ira, se apressa a pedir perdão àquela a quem ofendeu, que o outro que demora em irar-se, mas opõe mais resistência em pedir perdão. Aquele que, pelo contrário, nunca quer pedir perdão ou não o pede de coração, em vão se encontra na casa religiosa, mesmo que dali não seja expulso. Portanto, abstenham-se de proferir palavras duras em excesso e, se alguma vez, elas deslizarem, não se envergonhem de aplicar o remédio saído da mesma boca que produziu a ferida.

43. No entanto, quando a necessidade da disciplina os obriga a empregar palavras duras ao corrigir os mais novos, se perceberem que foram excedidas no modo, não lhes é exigido pedir perdão aos ofendidos, pois não aconteça que, por ter uma excessiva humildade para com aqueles que devem ser obedientes, fique debilitada a autoridade de quem governa. Pelo contrário, peça-se perdão ao Senhor de todos, que conhece benevolência com que são amados inclusive aos quais talvez foram corrigidos além da medida. O amor entre vocês não deve ser carnal, mas espiritual.

CAPÍTULO VII: AMOR NA AUTORIDADE E NA OBEDIÊNCIA

44. Obedeçam ao Superior como a um pai, guardando-lhe o devido respeito para que nele não ofendam a Deus, e obedeam ainda mais ao presbítero, que tem o cuidado de todos vocês.

45. Corresponde principalmente ao Superior fazer que sejam observadas todas estas coisas e, se alguma não o for, não se transija por negligência, mas que se procure emendar e corrigir. Será seu dever enviar ao presbítero, que tem entre vocês maior autoridade, o que exceder em sua função ou capacidade.

46. Agora, aquele que os preside, não se sinta feliz por mandar com autoridade, mas por servir com caridade. Diante de vocês, que os preceda com honra; porém, diante de Deus, que se prostre a seus pés por temor. Mostre-se a todos como exemplo de boas obras; corrija aos inquietos, console aos tímidos, acolha os fracos, seja paciente com todos. Mantenha a disciplina com agrado e saiba infundir respeito. E mesmo que ambas as coisas sejam necessárias, procure mais ser amado por vocês que temido, pensando sempre que deve dar conta a Deus a respeito de vocês.

47. É por aí que, sobretudo obedecendo melhor, não somente se compadeçam de si mesmos, mas também dele; porque quanto mais elevado se acha entre vocês, tanto maior é o perigo de cair.

CAPÍTULO VIII: EXORTAÇÕES FINAIS

48. Que Deus lhes conceda observar tudo isso movidos pela caridade, como apaixonados da beleza espiritual, e exalando em seu trato bom odor de Cristo ; não como servos sob a lei, mas como pessoas livres sob a graça.

49. E para que possam se olhar neste livrinho como num espelho e não se descuidem de nada por esquecimento, leia-se uma vez por semana. E se observarem que cumprem tudo o que está escrito, deem graças a Deus, doador de todos os bens. Porém, se algum de vocês vê algo que lhe falta, arrependa-se do passado, previna-se para o futuro, orando para que seja perdoada sua dívida e não caia em tentação.

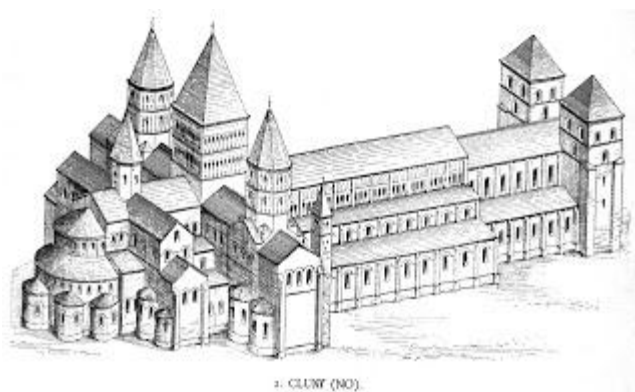


O terceiro momento marca a expansão do movimento monástico no ocidente por volta do ano 430d.C. com São Patrício (St. Patrick) na Irlanda, mas ainda com características orientais e sob a orientação e direção herdada do império romano. Estes agregaram características missionárias e foram responsáveis por expandir o Evangelho do Ocidente, chegando em 590 a Gália através de Columbano, afirmando a salvação por meio da adesão aos mosteiros ou, quando não fosse possível, pela doação a apoio a outros monges. Os monges passaram a ser conhecidos como médicos das almas e deu-se início aos confessorários. O próximo monge de destaque é Bento de Núrsia que também criou pelo menos dois mosteiros com regras próprias. Bento incluiu o trabalho como uma forma de ascese espiritual (*ora et labora*). A regra beneditina foi usada pelo papa Gregório Magno como um forma de criar uma unidade da vida religiosa e monástica no fim do século VI e início do século VII, mas foi Carlos Magno que consolidou esta ideia. Os beneditinos eram missionários assim como os monges irlandeses.

Após a queda do império carolíngio, já nos séculos X e XI, o movimento monástico também viveu um declínio. O surgimento do feudalismo também corrompeu os bispos das igrejas que se tornaram senhores feudais. As regras criadas e as orações se tornaram, em muitos casos, a única formula que estes sacerdotes conheciam, e nada, além disto, lhes era exigido. Podemos chamar este processo de secularização, mas os mosteiros ainda eram vistos como centros da verdadeira vida espiritual e como lugares mais próximos do céu, mas agora eram ricos, pomposos e prósperos. O ingresso de nobres e camponeses nos mosteiros pelos mais diversos motivos, gerou uma espécie de hierarquização dos mosteiros.

Um dos mais importantes movimentos monásticos estava para surgir. Fundada por uma doação do Duque Guilherme de Aquitânia, a abadia de Cluny iria se tornar a ordem exemplar, chamada por historiadores, de império de Cluny.





Desenho do mosteiro de Cluny

Para que não sofresse influências externas, tanto do clero secular quanto de nobres, o mosteiro se colocou sob a obediência unicamente do papa, a própria basílica foi dedicada a Pedro e Paulo, como aponta Jérôme Baschet, fazendo frente à própria sé pontifical. A Abadia era altamente hierarquizada, muito bem organizada e mais focada na oração do que no trabalho. Eles oravam 215 Salmos diários, contra os 150 do mosteiro beneditino, além de quatro horas de leitura orante da Bíblia e seis horas de trabalho. Havia uma preocupação estética em tudo que faziam e isto era um atrativo a parte. Era um processo de elitização que viria a ser combatido com Pedro, o Venerável, abade de Cluny, entre 1122 e 1156, levando os monges a, dedicarem-se mais ao serviço pastoral em paróquias, na assistência espiritual aos fiéis com a cura das almas, além da ajuda a órfãos e viúvas, desempenhando também um importante papel na educação com escolas para leigos.

Em 1090, o papa Urbano II reconheceu oficialmente a vida canônica, no século XII foi adotada a Regra de Santo Agostinho que funcionava mais como uma exortação, mas logo, com algumas alterações tornou-se um manual monástico. Mas a corrupção ainda estava presente pela aceitação de doações e, por isto, surgem os cônegos que tinham um estilo de vida intermediário entre o monacato tradicional e o movimento mendicante. Além do surgimento desta vida chamada de canônica, os cistercienses constituíram, dentro do monaquismo beneditino, um dos movimentos de reforma mais emblemáticos da Idade Média. Roberto Molesme tenta, no século XI, retornar à essência da regra beneditina. Monges de Cluny migraram para lá. A



administração era mais democrática do que em Cluny. A questão da alto-suficiência dos mosteiros obrigou os monges a adquirirem terras cada vez mais afastadas, com propósito de dar mais estabilidade às abadias. Com o crescimento urbano, os camponeses acabam migrando para regiões de periferia, sendo banidos pelos monges que só acumularam mais terras. Bernardo de Claraval, importante figura daqueles tempos, envolveu-se com as várias questões políticas, interferiu em decisões do papado e pregou as Cruzadas, adotando um discurso de condenação contra Cluny. Seus ataques aos monges, padres, bispos e nobres eram muito intensas. Era mais uma tentativa de purificar o cristianismo.

O movimento monástico no início da Idade Média teve ampla influência social, política e social. E não será a última vez que monges terão tanta influência, o que acontecerá novamente na Reforma Protestante (Lutero era um monge agostiniano). Apesar da ambiguidade que os mosteiros e monges viveram, ora vivendo radicalmente, ora vivendo dissolutamente, ora pobres ora ricos, não podemos negar que este período marcou uma forma importante na relação dos discípulos de Cristo com o mundo. Era preciso dar respostas à corrupção, ao secularismo e cuidar dos pobres e marginalizados. Um convite radical à simplicidade e à uma vida cristã intensa marcou este período, como modelo e padrão para nós, salvaguardadas as suas falhas.

1.6. O império Carolíngio: papado, concílio e teologia

Quando falamos do Império Carolíngio estamos falando do Império iniciado e encabeçado por Carlos Magno (742-814). Carlo Magno foi o primeiro Imperador dos Romanos de 800 até sua morte, além de Rei dos Lombardos a partir de 774 e Rei dos Francos começando em 768. A denominação dinastia Carolíngia, que pelos sete séculos seguintes dominaram a Europa, no que veio a ser posteriormente chamado Sacro Império Romano-Germânico deriva do seu nome em latim "Carolus".

Carlos nasceu no ano de 742 em Nêustria (hoje seria o centro da França), filho de Pepino, o Breve e neto de Carlos Martel. Seu avô havia rechaçado invasões bárbaras que se precipitaram sobre a Europa a partir do norte, do leste e, sobretudo, do sul, de onde avançavam os sarracenos, inimigos mortais dos cristãos, que



ameaçavam a própria sobrevivência da Cristandade nascente. Carlos Martel havia obtido uma vitória decisiva sobre eles em Poitiers, no ano de 742. Pepino, o Breve, morto em 768, havia dividido o reino entre seus dois filhos, Carlomano e Carlos Magno. Após a morte do primeiro, Carlos passou a reinar sozinho em 771. Durante todo o seu longo reinado de quase 50 anos, Carlos Magno teve de lutar contra os bárbaros que ameaçavam a Europa. Entre 768 e 814, empreendeu 54 campanhas militares. Entre estas, 18 contra os saxões, sete contra os árabes na Espanha, cinco contra os longobardos que ameaçavam o Papado, quatro contra os eslavos etc. Suas campanhas, entretanto, não tinham um sentido de conquista territorial, como ocorria com os pagãos. A meta principal delas era sempre a defesa da Cristandade. Basicamente, por Cristandade devemos compreender o conjunto de nações formadas por cristãos, ou que teriam o cristianismo como base do reino ou império.

Ele, durante o período de preeminência dos francos, Carlos Magno, no intuito de conseguir a restauração de um império, finalmente iria impor a todos os mosteiros a Regra de São Bento. Esta unificação pretendia conseguir coesão religiosa, mas acabou também promovendo uma marginalização dos eremitas que ainda insistiam em viver isolados, resistindo à organização da Igreja Ocidental. A intenção de unir o império pelo Cristianismo no modelo da regra de São Bento trouxe divisões no império e entre os cristãos.

Carlos é, ao lado de Constantino, um Imperador com vasta e profunda relação com o cristianismo e, assim como Constantino, há controvérsias e questionamentos em torno do seu nome. Cronistas contemporâneos de Carlos Magno afirmaram¹⁶:

Era uma personalidade tão rica, que nele se pode reconhecer um enviado do poderoso Senhor. Era de corpo grande e robusto; formosos cabelos cobriam-lhe a fronte altaneira e emolduravam uma serena e alegre fisionomia; sentado ou de pé, sempre sua figura era de uma aparência em extremo digna e imponente. Seu passo era firme, suas atitudes varonis, clara era sua voz.

Desde sua mais tenra infância, Carlos teve uma profunda devoção à Santíssima Virgem; e nunca cessou, ao longo de

¹⁶ Einhard, *The life of Charlemagne*, translated by S.E. Turner, Nova York.



seu reinado, de propagar em seus domínios o culto à Rainha dos Céus, erigindo em seu louvor incontáveis mosteiros e igrejas.

À sua poderosa intercessão atribui ele as vitórias de todas as suas empresas. Seus exércitos, não tendo por finalidade senão propagar a Fé e vencer os pagãos colocou os mesmos sob a proteção de Maria, cuja imagem tremulava em seus estandartes.

De sua ardente devoção a Maria era também complemento perfeito uma ardente devoção ao Papado.

Carlos Magno chamava o Papa de Pai e este o chamava de Filho. Em suas relações com a Igreja, colocava entre seus principais deveres o de defendê-la e protegê-la. Neste sentido, são bem significativas as palavras com que inicia a coleção de suas Capitulares: “Carlos, soberano pela graça de Deus do reino dos francos, defensor e auxiliar decidido da Santa Igreja em suas necessidades...” (Capitular XIX, p. 458). No ano de 774, Carlos Magno correu em auxílio do Papa Estêvão III contra os longobardos do norte da Itália, sitiando as cidades de Pavia e Verona. Esta última foi derrotada rapidamente. Enquanto durava o cerco de Pavia, Carlos Magno dirigiu-se a Roma, que ansiava por conhecer. Ali foi recebido com honras de Patrício dos romanos e com o título de defensor de Roma e do Papado.

Este período trouxe questões e pensamentos que podem ser expressos como nas palavras de Earle Cairns (São Paulo: Vida Nova. 1995, pág. 150-151):

Pensava-se que o reino de Deus tinha dois braços: o espiritual, presidido pelo Papa, com responsabilidade sobre as almas dos homens, e o temporal que era responsável pelo bem-estar físico dos homens. Como se vê, esta teologia tinha a intenção de impedir que os soberanos da Igreja e do novo Império Romano Teutônico entrassem em conflito. Era o imperador que recebia de Deus poder sobre os seus homens, e delegava ao papa a autoridade sobre as almas dos homens? Ou o poder era entregue de forma absoluta à Igreja, cujo papa delegava ao imperador soberania sobre os corpos dos homens? Ou ainda, trabalhavam eles em coordenação, recebendo cada um diretamente de Deus a autoridade para o exercício do poder em suas esferas específicas? A resposta a este problema absorveu as energias dos papas e dos imperadores da Idade Média até que, finalmente, os papas conseguiram colocar os imperadores sob seu controle.

A conquista dos saxões exigiu do Imperador muitos anos de luta. Parte deste povo não havia entrado nas Gálias e continuava vivendo nas espessas selvas a leste do



Elba, onde permaneciam imersos no paganismo e na idolatria. Constituíam uma permanente ameaça contra o reino franco. Vencidos e submetidos ao tributo, tornavam a levantar-se na primeira ocasião, repudiavam o batismo que haviam recebido, matavam os missionários e queimavam as igrejas. Um período tenso para os cristãos entre os poderes do Imperador, do Papa e as guerras territoriais.

Punindo seus inimigos de acordo com as regras do cristianismo que abraçava, Carlos Magno chega a ser repreendido pelo Papa por estar excedendo em suas punições. No entanto, em 803 d.C., conseguir certa estabilidade no reino e ao subjugar os bárbaros, os obrigava a inclinar-se diante de Deus por meio da espada e estabeleceu que os saxões abraçassem definitivamente o cristianismo e jurassem fidelidade ao vencedor.

Carlos Magno é responsável por grande avanço na educação em seu império além da organização legislativa. Suas reformas levaram ao feudalismo e também preconizaram as cruzadas. Ficou contra os iconoclastas (adoradores de imagens), está associado com a chamada «Renascença carolíngia», um renascimento das artes, religião e cultura por meio da Igreja Católica. Além disto podemos alistar:

1. Ele teve uma serenidade, autoridade, influência e um prestígio que não se via conhecia desde Constantino.
2. Carlos estende a sua solicitude às necessidades materiais do clero, o seu estado mental e ao seu apostolado. Ele enche de doações os bispados e mosteiros e coloca-os sob a proteção de "advogados" por ele nomeados; torna o dízimo obrigatório em todo o território do império. Tem o cuidado de não sugerir às dioceses que os homens também louváveis pela pureza de sua moral que pela devoção; faz fronteira com segunda evangelização dos eslavos.
3. Rejeição do adocionismo, doutrina apoiada na época por alguns bispos da Espanha muçulmana, como Elipando, arcebispo de Toledo. O adocionismo é seita ou doutrina herética, disseminada esp. na Espanha a partir do fim do II, que distinguia em Cristo uma natureza divina de outra humana,



afirmando que o homem Jesus de Nazaré era filho de Deus apenas por adoção.

4. Cláusula Filioque - Esta é uma modificação do credo, a frase: "O Espírito Santo procede do Pai" (ex Patre) torna-se "O Espírito Santo procede do Pai e do Filho" (ex Patre Filioque). A nova formulação, em curso nas Igrejas da Espanha e da Gália, está na origem de um debate com o Patriarcado de Constantinopla, particularmente agudo nos anos 807-809. Carlos Magno, favorável ao Filioque, pede, de seguida, a três teólogos para estudarem o problema em detalhe: Teodulfo de Orleães, Esmaragdo de São Miguel e Arno de Salzburgo. A nova formulação é ratificada na seguinte reunião de Aquisgranos, em 809, o que também provoca tensão com Leão III, que a recusa.
5. Afora mitos e histórias criadas em seu entorno e que tem peso religiosos: Histórias do século XII, como A Peregrinação de Carlos Magno, em que ele inventou uma peregrinação a Santiago de Compostela ou uma viagem a Jerusalém, tornando-o imperador dos cristãos e o mito do chefe dos cruzados. De acordo com a história lendária de seu regresso de Jerusalém chamado Descriptio, ele é informado de que o imperador em Constantinopla teria oferecido as relíquias da Paixão (o Santo Sudário, um prego e um pedaço de madeira da cruz verdadeira, a Lança Sagrada e o perizônio¹⁷) e outras relíquias de importância (panos de Jesus, camisa da Virgem). Reportado em Aquisgrano, eles são mantidos na capela e estão sujeitos a ostentosos estatutários. O neto de Carlos Magno, o imperador Carlos II, o Calvo, depois de uma estadia em Aquisgrano em 876, transfere estas relíquias para a Abadia Real de Saint-Denis, com exceção do Santo Sudário doado à igreja de Saint-Corneille de Compiègne e o perizônio sempre esteve conservado na catedral de Aquisgrano.

¹⁷ O perizônio seria uma espécie de tanga usada como cueca na antiguidade. No caso de Jesus, seria a peça que cobriu sua nudez durante a crucificação. Nota: era lenda e o início dos objetos religiosos de grande valor que encheriam o comércio religioso já nos tempos da Reforma. Muitos reformadores comentaram a respeito disto e combateram a veracidade destes objetos e o comércio feito com os mesmos.



Não é difícil enxergar as consequências para o cristianismo a partir de então. O poder ainda mais centrado nos Papas e bispos da igreja. A iconoclastia crescendo, apesar das restrições e proibições iniciais, a igreja mergulhando no misticismo e o sacerdócio universal dos crentes como uma doutrina cada vez mais remota e distante. Seria um período de trevas para o cristianismo e para os verdadeiros discípulos? No mínimo, os desafios seriam muitos e a verdade como um bem inacessível e distante. Tudo estava centralizado e definido.

1.7. Os muçulmanos e os cristãos – As Cruzadas

O islamismo representa um desafio para o cristianismo desde os primeiros anos de sua existência. Alguns historiadores chegam a apontar a grande tensão entre cristãos e muçulmanos nas regiões de Meca e Medina, uma vez que os primeiros cristãos não foram sensíveis o suficiente para dialogar com os primeiros muçulmanos, como causa da mudança na forma como Maomé se dirigia e se referia aos cristãos, dando início a uma inimizade e tensões que jamais se resolveriam. Alguns afirmam isto distinguindo os primeiros escritos muçulmanos como mais tolerantes, e até amigáveis, ao cristianismo, mas apresentam uma mudança radical nestes mesmos escritos após possíveis incidentes entre cristãos e muçulmanos. Fato ou não, nunca houve paz real entre ambas as religiões e isto é assunto que marca inclusive a temática do discipulado. Não iremos focar em detalhes sobre o surgimento dos muçulmanos, mas em um dos eventos mais marcantes da antiguidade sobre a relação dos muçulmanos e dos cristãos e de que funcionava a mentalidade cristã pelo menos naquela parte da Europa. Nosso objetivo, como em todo este trecho do trabalho, é observar como em cada período da história, a mentalidade discipular as prioridades cristãs mudaram e por quais fatores foram regidas.

No apogeu do Papado¹⁸, durante a Idade Média, aconteceram as Cruzadas. Esse movimento religioso-militar, surgido na Europa Ocidental, tinha por objetivo reconquistar, a Terra Santa (Jerusalém, Belém, Nazaré, etc.) das mãos dos infiéis

¹⁸ <http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/02CruzadasTerraSanta.html>



muçulmanos. Ou seja, reconquistar os locais onde Jesus Cristo viveu, onde a Igreja nasceu e que eram visitadas por peregrinos cristãos.

O islamismo nasceu a partir da experiência de Maomé, profeta de Alá (Deus) e iniciou a sua expansão, no ano de 622, com a Égira, data da fuga de Maomé, de Meca para Medina. A religião muçulmana tem seu núcleo de fé baseado nas seguintes doutrinas: fé num só Deus, Alá; fé no profeta de Alá, Maomé; e fé no juízo de Alá que premia os bons e castiga os maus.

O Islamismo se expandiu de uma forma extraordinária através de várias conquistas: Damasco, em 635; Jerusalém, em 638; Alexandria, em 643; assédios de Constantinopla, em 673 e 717; Cartago, em 698 e, em 711, chegam à Espanha e ali se fixam após as derrotas para os franceses, em 732. Daí se percebe que as antigas regiões cristãs do norte da África e do Oriente Médio passaram a ser dominadas por eles. Inicialmente, os muçulmanos toleraram os cristãos mediante o pagamento de impostos. Depois, criaram certas dificuldades em algumas regiões, mas não proibiram as peregrinações à Terra Santa.

A partir do século XI, começaram a surgir dificuldades para que os peregrinos cristãos pudessem visitar a Terra Santa. Além dos problemas dos ladrões que roubavam os peregrinos — que se viram forçados a viajar em grupos maiores e com a ajuda de pequenos exércitos —, temos de mencionar o ponto chave da questão: no ano 1009, o califa Haken destruiu a igreja do Santo Sepulcro e passou a perseguir os cristãos e peregrinos. Essa atitude foi um golpe terrível na Cristandade ocidental. Além disso, devemos registrar os pedidos de ajuda militar que os imperadores cristãos, de Constantinopla, freqüentemente faziam às lideranças ocidentais para que os ajudassem na luta contra as incursões militares muçulmanas. Empreenderá toda a luta movida pelos cristãos contra os vários tipos de infiéis.

O Papa Gregório VII (1073-1085) já tinha tentado, durante o seu pontificado, convocar uma cruzada para ajudar, particularmente, aos gregos de Constantinopla. Envolvido, porém, nas lutas contra Henrique IV da Alemanha, não pôde concretizar



aquele objetivo. Assim, será o Papa Urbano II quem convocará a primeira das oito cruzadas mais importantes.

- 1ª CRUZADA - Convocada pelo Papa Urbano II, no Sínodo de Clermont, 1095. Pedro, o Ermitão, foi encarregado de pregar a realização da Cruzada, que contou com a participação de um exército com mais de 600 mil homens, da Alemanha, França, Inglaterra e Itália, além de uns 18 mil aventureiros, colonos e mendigos. Esse número se deveu a muitos fatores: o desemprego e a pobreza na Europa ocidental; a questão dos guerreiros medievais que com a 'trégua de Deus' (acordo temporário de paz), já não podiam lutar em várias épocas do ano; e, principalmente, a promessa de que todo cruzado que permanecesse fiel à cruzada, teria o perdão dos pecados e a garantia da salvação eterna. Os cruzados conquistaram Nicéia, Antioquia e Jerusalém, em julho de 1099. Infelizmente, foram muito violentos com os sarracenos-muçulmanos, inclusive judeus, matando adultos, crianças, violentando mulheres, etc. Após a tomada da cidade, foi estabelecido o Reino de Jerusalém, tendo à frente o francês Godofredo de Bulhões. Ele não quis ser chamado de rei, pois o único rei de Jerusalém foi Jesus Cristo e sim, 'protetor do Santo Sepulcro'. Com o tempo, os cruzados foram retornando para a Europa. Jerusalém voltou a ser ameaçada pelos muçulmanos, dificultando a vida dos governos do 'Reino de Jerusalém'.
- 2ª CRUZADA — Convocada pelo Papa Eugênio III, 1144. Causada pela queda da cidade de Edessa, Mesopotâmia (hoje Iraque), caiu nas mãos do sultão muçulmano de Alepo. Teve dois grandes pregadores: São Bernardo de Claraval e frei Rodolfo. Foi formado, então, um exército com mais de 200 mil homens que chegou até Jerusalém, reforçando a presença cristã na Terra Santa. Fizeram algumas conquistas, mas sem muitas condições de resistir às pressões dos muçulmanos. Assim, em 1187, o sultão do Egito, Saladino,



reconquistou Jerusalém, provocando grande apreensão na Europa, que motivou a 3ª Cruzada.

- 3ª CRUZADA — Promovida pelos papas Gregório VIII e Clemente III, 1189. Foi dirigida pelos soberanos Frederico Barbarroxa, Ricardo Coração de Leão e Felipe II Augusto. Só conseguiram conquistar a cidade de São João do Acre, em 1191. Ricardo Coração de Leão, antes de retornar à Inglaterra, fechou um acordo com o sultão do Egito, Saladino, que se comprometeu a não maltratar os peregrinos cristãos.
- 4ª CRUZADA — Convocada pelo papa Inocêncio III, 1202. A condição era de que os legados papais a comandassem. Infelizmente, desviou-se de seus objetivos e os cruzados se dirigiram para Constantinopla, contra a vontade do Papa. Lá fundaram o 'Império Latino de Constantinopla', em 1204, aumentando, ainda mais, a cisão entre as Igrejas latina e grega. Em 1261, os gregos reconquistaram Constantinopla.
- CRUZADA DAS CRIANÇAS - No ano de 1212, aconteceu essa infeliz iniciativa, que teve como ponto de partida a cidade de Marselha. Milhares de crianças acabaram sendo vendidas como escravas, no norte da África.
- 5ª CRUZADA — Promovida pelos Papas Inocêncio III e Honório II, 1218. Os cruzados conseguiram conquistar a fortaleza de Damietta, no Egito, em 1219, perdida anos depois.
- 6ª CRUZADA — Foi dirigida pelo Imperador Frederico II da Alemanha, 1229. Esse imperador tinha sido excomungado pelo Papa Gregório IX. A cruzada deu ótimos resultados. Por um tratado com o sultão muçulmano do Egito, em 1229, as cidades de Jerusalém, Belém, Nazaré, Tiro e Sidon passaram para o rei alemão. A condição foi que a mesquita de Omar, em Jerusalém, ficasse nas mãos dos muçulmanos.
- 7ª CRUZADA — Convocada pelo Papa Inocêncio IV, 1245. Após o Concílio de Lyon. No ano anterior, Jerusalém voltou a cair nas mãos



dos infiéis muçulmanos. São Luís da França foi seu grande líder e conquistou Damietta, no Egito, junto ao Mar Mediterrâneo em 1249. Mas perdeu a batalha seguinte e teve de pagar um alto resgate.

- 8ª CRUZADA — Novamente dirigida por São Luís de França, 1249. Com a morte de São Luís, vitimado pela peste, em Túnis, na África do Norte. Em 1270, a cruzada terminou.

Para se entender as Cruzadas, é preciso voltar para o século VII. No ano 637, apenas alguns anos após a morte de Mohammed, o profeta do Islamismo, o Califa Omar tomou a Palestina, há três séculos, cristã. Tomou de assalto os lugares santos e expulsou os cristãos. Não proibiu as peregrinações, porém impôs pesados tributos. No século X (cem anos antes das Cruzadas), a dinastia dos Fatimistas, que dominavam a Palestina, empreendeu uma perseguição cruel ao cristianismo, provocando a morte dos que se aproximavam dos lugares santos e empreendendo uma violenta onda de conquistas das cidades cristãs, rumando para a Europa.

Essa perseguição teve seu auge no ano de 1076, com a chegada dos turcos a Jerusalém e a destruição da Igreja do Santo Sepulcro, quando (e veja só, após mais de cem anos de perseguição) o Papa Gregório VII ressaltou a necessidade de convocar os Cristãos a uma campanha de resgate dos lugares santos. Em 1095, Urbano II convocou a primeira Cruzada. Ganharam a primeira e sofreram a massacrante derrota de outras sete. Lembre-se que, na sexta Cruzada, Felipe II, ainda que excomungado, recupera Jerusalém e assegura ao sultão que as Mesquitas da Cidade Santa ficariam em poder dos muçulmanos. A paz durou dez anos.

O Sultão do Egito, auxiliado pelos povos do Turquistão invadiram a Cidade Santa e promoveram a degolação de todos os habitantes, o que desencadeou a Sétima Cruzada, empreendida por São Luís, que, ainda que tenha tomado Damietta, acabou preso. Fora libertado e deportado para a França após o pagamento de uma soma em dinheiro exigida pelo Sultão.

A oitava Cruzada ocorreu pelas mãos de São Luis também. São Luis recebera a falsa notícia por parte de seu irmão, de que o Sultão do Egito desejava



conhecer o cristianismo. Empreendeu uma expedição que visava uma reunião diplomática com o Sultão, para fazê-lo um aliado. Esse porém havia dissimulado o interesse e preparava uma emboscada. A guerra se segue. São Luis morre de peste após desembarcar em Cartago.

Alguns pontos positivos podem ser relacionados com as Cruzadas, como o declínio e desaparecimento do poder feudal e o atraso em quatro séculos da invasão dos turcos à Europa, o que acabou por acontecer, infelizmente. Os muçulmanos tomaram violentamente a Espanha, a Sicília, a Grécia, a região onde se encontra hoje a Turquia, os Balcãs, uma parte de Portugal e só parou de avançar quando bateu à porta de Viena. Os muçulmanos só desistiram da conquista da Europa em meados do século XIX. No entanto, vemos agora no início do século XXI uma retomada do avanço muçulmano não só na Europa, mas em outros países do continente norte-americano.

Este longo período é marcado pela retomada do controle da religião cristã por um Imperador. Vemos, por um lado, tentativas de "purificar a igreja" ao passo que isto fica distante aumentando a distancia do povo da verdade e confundindo a fé cristã com políticas expansionistas e que tentam, mais uma vez, unificar um imperio cada vez mais dividido e cada vez mais sujeitos à perseguição de grandes inimigos, entre os quais agora figura o islamismo.

1.8. Um pouco antes da Reforma

Quando falarmos no próximo ponto da Reforma Protestante, daremos ênfase a vida devocional dos dois principais reformadores: Lutero e Calvino e a contribuição de ambos para os crentes de modo geral. Aqui, nos ateremos às condições imediatamente anteriores à Reforma e que a provocaram. Foi um tempo de grande confusão, de heresias, de distorções do cristianismo e, o homem comum, pouco tinha acesso à verdade e às Escrituras. É tempo de forte superstição, de domínio da mente e de domínio econômico de uma igreja muito corrompida. Ser discípulo era facilmente confundido com seguir as tradições e cegamente se entregar aos clérigos corrompidos daquele momento.



As questões econômicas merecem destaque na Europa pré-reforma. No ambiente das cidades, os comerciantes burgueses eram malvistas pela Igreja. Segundo os clérigos, a prática da usura feria o sagrado controle que Deus tinha sobre o tempo. Além dos comerciantes, a própria crise econômica feudal também instigou a população a questionar os dogmas impostos pela Igreja. Os clérigos estavam muito mais próximos das questões materiais envolvendo o poder político e a posse de terras, do que preocupados com as mazelas sofridas pela população camponesa. Lembremos que isto só foi possível graças ao modelo de relação estabelecida entre o estado e a igreja durante o período carolíngio. Um dos foi a falta de cumprimento dos votos exigidos pelos clérigos, ainda que questionáveis como voto de pobreza, celibato, entre outros.

Já no século XII apareceram os primeiros movimentos que questionavam as crenças e práticas do catolicismo, com destaque para os cátaros, originários da França, com valores muito rígidos e questionadores da posição do clero de então. Infelizmente, o Papa Inocêncio III ordenou uma cruzada em 1209 que aniquilou os cátaros. O tribunal da Santa Inquisição foi criado para combater qualquer crupo ou pessoa que ameaçasse seus domínios.

Além dos cátaros, podemos falar de pessoas específicas que nos séculos XIV e XV, também indicavam como os valores absolutos da Igreja já não tinham a mesma força mediante as transformações históricas experimentadas. O inglês John Wycliffe (1330 – 1384) redigiu alguns ensaios onde denunciava as ações corruptas da Igreja e defendia a salvação espiritual por meio da fé. Em certa medida, as teorias lançadas por esse pensador viriam a influenciar as obras de Martinho Lutero, no século XVI. Outro importante nome é John Huss (1370–1415) que foi um padre que se preocupou em traduzir o texto bíblico em outras línguas e denunciou o comportamento dos clérigos católicos. Sua pregação, ao longo da Boêmia, motivou a violenta reação das autoridades do Sacro-Império Germânico que ordenaram sua morte pela fogueira. A morte de Huss deu origem a um movimento popular conhecido como hussismo. A grande maioria de seus integrantes eram camponeses pobres insatisfeitos com sua condição de vida. O movimento renascentista também deu passos importantes no questionamento do papel exercido pela Igreja Católica. A



teoria empirista de Francis Bacon; o heliocentrismo defendido por Nicolau Copérnico; e a física newtoniana descentralizou o monopólio intelectual da Igreja. O conhecimento gerado por esses e outros indivíduos lançava a idéia de que o homem não necessitava da chancela de uma instituição que o concedesse o direito de conhecer a Deus ou o mundo.

Dessa maneira, se formou todo um histórico de tentativas e fatos que antecederam a consolidação do movimento reformista. Mesmo sofrendo diferentes ofensivas ao longo do tempo, a Igreja ainda conservou um conjunto de práticas que complicavam a estabilidade do poder clerical. A venda de indulgências, a negociação de cargos eclesiásticos e a vida amoral ainda foram questões que incentivaram o aparecimento das novas religiões protestantes. Este ambiente era o ambiente para cristãos tentarem desenvolver sua fé. Uma Europa onde a maioria dos seus habitantes eram analfabetos e uma Igreja corrompida guiava os destinos eternos daquela população que não podia questionar e nem mesmo teria como questionar por estar longe da verdade. A Reforma, apesar de toda turbulência que causou, com mortes, divisões, surgimento de muitas denominações, foi fundamental para que o homem comum pudesse ter acesso às Escrituras e, portanto, à verdade. O conceito do sacerdócio universal de todos os crentes, completamente ignorado, voltava a vigorar entre os cristãos. O livre acesso e o livre exame das Escrituras passam a ser uma realidade. A imprensa de Gutemberg também ajudou a expandir os limites desta igreja mais bíblica, mais cristã e mais popular.

Condições básicas da formação de um discípulo, e de sua atuação, são retomadas: a disponibilidade de conhecimento e prática da Palavra de Deus e o direito eclesiástico de seu exercício.

1.9. A Reforma Protestante – modelos e exigências aos discípulos

Ainda estamos vivendo os 500 anos da Reforma Protestante. Muitos livros foram escritos sobre o assunto e muitos textos dos reformadores, como biografias, foram escritas e disponibilizadas ao grande público. Os efeitos reais da comemoração e rememoração da reforma ainda não podem ser sentidos com muito efeito no meio evangélico, salvo algumas pequenas ênfases que foram renovadas e o interesse de



parte de uma juventude que demonstra um cansaço com a forma e conteúdo de boa parte da igreja protestante (evangélica) brasileira. Para variarmos um pouco a tônica e não repetirmos conteúdos amplamente divulgados por livros e sites e, diga-se de passagem, de forma muito mais completa e profunda, faremos aqui uma breve discussão a respeito da vida devocional e prática de dois dos principais reformadores: Lutero e Calvino.

Falar a respeito da vida devocional dos reformadores implica em compreender um pouco mais do seu dia a dia e da forma como concebiam seu relacionamento com Cristo. Com certeza, a vida devocional dos reformadores é um modelo interessante para nosso discipulado e sobre alvos e metas que devemos buscar.

Uma das grandes ênfases da Reforma foi o retorno às Escrituras e, sem dúvida alguma, é uma das áreas do discipulado sobre a qual mais podemos aprender. Mas é importante notar que este apego às Escrituras implicará em mudanças na vida e não apenas na forma de pensar intelectualmente defendendo ideias e doutrina.

Primeiramente, eles nos ensinam que a disponibilidade das Escrituras deveria ser mais valorizada. Esta grande vitória da Reforma, ou seja, a popularização da posse e o livre exame das Escrituras deveria nos servir de grande incentivo à leitura e estudo diário dela. Ainda confunde-se o que chamamos de livre exame das escrituras, ou seja, a possibilidade real de que todos tenham um exemplar das Escrituras à mão, coisa ainda impossível em alguns países do mundo, e o que chamamos de livre interpretação das Escrituras. O uso e a leitura são livres, mas a interpretação não. A igreja existe por diversos motivos, e um deles é fornecer a interpretação correta das Escrituras dentro do conceito histórico-gramatical que abordaremos logo adiante. No entanto, a Reforma possibilitou que leigos também tivessem acesso à interpretação e deu ao povo o direito de conhecê-la e de não viver nas trevas da ignorância aceitando o que é dito apenas porque uma autoridade constituída muitas vezes de forma muito mais política do que espiritual. Quando recorreremos ao período apostólico e, principalmente, ao apóstolo Paulo, vemos que



ele se esforçava profundamente para provar que Jesus era o Messias conforme as Escrituras e que ele era o cumprimento da lei, e que seus patrícios estavam enganados em suas interpretações. Basta ver suas palavras e conselhos a Timóteo em suas duas cartas. Segue o trecho de 1Timóteo 4.12-16:

Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza. Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá. Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Medita estas coisas; ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.

O livre acesso que temos às Escrituras é um patrimônio importante da Reforma. Não basta que tenhamos uma Bíblia à mão, mas que nos disponibilizemos a conhecê-la com profundidade. Isto é um trabalho árduo e de muitos anos. Devemos começar por ler sistematicamente. Pelo menos uma vez por ano.

Também nos ensinam que em tempos de tanta insegurança as Escrituras são o porto seguro contra a subjetividade. Lutero se incomodava profundamente com Romanos, que tratava da justiça de Deus, e considerava que Deus era cruel ao condenar o homem. Pensou assim até que leu e pôde compreender o que Paulo diz em Romanos 1.16,17. Com sua fé católica, estava cego para a verdade. Subjetividade implica em que analiso a partir de minhas próprias ideias, preconceitos, medos e interpretações. A Bíblia, apesar de todas as dificuldades que apresenta, é um livro seguro sobre o que é a vontade de Deus. Temos nela, claros ensinamentos sobre tudo: a fé, o batismo, o casamento, o divórcio, a homossexualidade, a criação de filhos, sobre como dar ofertas, sobre como orar, etc.

No entanto é muito comum ver as pessoas distorcendo seus ensinamentos. Os reformadores eram homens dispostos a levar até as últimas consequências os ensinamentos bíblicos. Assim o fizeram. Por isto, foram perseguidos, mortos, incompreendidos, desprezados, etc. Este ensino mostra que a igreja de hoje está longe da vontade de Deus porque não aceita seus ensinamentos e procura meios de reinterpretá-los conforme seu próprio entendimento. Criados à imagem de Deus, o ser humano tem um propósito para sua existência. No Éden ele se desvia do propósito por causa do pecado. As Escrituras apontam este caminho de retorno e de



descoberta da Imago Dei plena e, também, de nossa plena humanidade. Assim, aprendemos que a Escritura não é um amuleto e nem um livro para defender nossas próprias ideias. Pelo contrário ele nos confronta diretamente e mostra o quanto estamos longe e carentes de Deus, ou destituídos de sua glória. Os reformadores nos ensinam que este caminho que percorremos como discípulos somente é possível pela obediência à Palavra de Deus.

A vida devocional dos reformadores é um bom modelo. Lutero produziu e deixou registrado mais de 3.000 sermões e mais de 50.000 páginas escritas, fora a tradução da Bíblia para o Alemão. Longe de querer comparar a vida de um teólogo de obra tão vultosa com a vida da maioria dos crentes, o que queremos ressaltar é que esta vida intelectual muito ativa é uma vida intelectual como produto de sua devoção particular, ou seja, sua teologia era produto da vida de amor e serviço a Deus. Ele nos ensina as regras para ser um teólogo e elas envolvem tantos os estudos quanto à experiência e a prática: oração, meditação e provações¹⁹. Quanto à oração ele deixou registrado:

“Você deve sentir-se completamente desesperado de seus próprios sentimentos e razão, pois, mediante essas coisas, você não atingirá o objetivo. Dobre seus joelhos em seu quarto, em particular, e com sincera humildade e zelo ore a Deus por meio de seu amado Filho, para Ihe conceder graciosamente o seu Espírito Santo, que o iluminará, guiará e dará entendimento. Conforme podemos ver, Davi orava constantemente neste salmo.”

Quanto à meditação o seguinte pensamento:

“Em segundo lugar, você deve meditar. Isto significa não somente que deve considerar a Palavra em seu coração, mas também que deve usar constantemente meios externos, examinando e comparando, lendo e relendo a Palavra pregada, bem como as palavras gravadas nas Escrituras, observando e meditando, com dedicação, sobre aquilo que o Espírito Santo quer dizer. Observe, então, neste salmo, como Davi sempre diz que fala, pensa, conversa, ouve, lê, dia e noite, constantemente — mas nada menos do que a Palavra e os mandamentos de Deus. Pois Deus quer Ihe dar seu Espírito tão-somente por meio da Palavra.”

E, finalmente, quanto às provações:

¹⁹ <http://voltemosaoevangelho.com/blog/2011/10/devocional-john-piper-a-regra-de-martinho-lutero-a-respeito-de-como-se-tornar-um-teologo/>).



“Em terceiro, existem as provações. Isto é a pedra de toque. Elas nos ensinam não somente a conhecer e a entender, mas também a experimentar quão exata, verdadeira, agradável, poderosa, amável e confortadora é a Palavra de Deus; ela é sabedoria suprema. Essa é a razão porquê que você observa que, no salmo indicado, Davi se referia frequentemente a todo tipo de inimigo. Pois, logo que a Palavra de Deus se torna conhecida para você, o diabo o afligirá, tornando-o um verdadeiro teólogo”.

No caso de Calvino:

Para Calvino, todo o pensar teológico está conectado com a piedade. A teologia envolve toda a nossa mente, coração e vontade. Por isso, “o fim de um teólogo não pode ser deleitar o ouvido, senão confirmar as consciências ensinando a verdade e o que é certo e proveitoso”. A sua teologia nada mais era do que um esforço por comentar as Escrituras; por isso, sua obra pode ser corretamente chamada de uma “teologia bíblica”, certamente escrita por um teólogo sistemático que tão bem sabia se valer dos recursos da exegese e da hermenêutica, dispondo tudo isso de forma erudita e devocional. Por essa causa, a história dos comentários Bíblicos de Calvino e a das sucessivas edições das Institutas se confundem e se completam. A sua exegese era teologicamente orientada e a sua teologia estava amparada em uma sólida exegese bíblica. Calvino não era apenas um grande conhecedor teórico das Escrituras. A sua vida se pautava pela compreensão da Palavra. A oração é um ingrediente fundamental em todo o seu sistema e labor. Durante três vezes por semana, em semanas alternadas, ele fazia preleções sistemáticas sobre os livros das Escrituras. Cada palestra era iniciada com uma breve oração e concluída, também, com uma pequena oração relacionada com o tema do texto exposto. Os seus sermões também eram concluídos com oração, neste caso mais extensa.²⁰

Ambos condenavam o uso do conhecimento como fonte de lucro (1Tim 6.5), mas que o conhecimento de Deus seria este alvo a ser almejado. Ou seja, as Escrituras são um caminho seguro e correto para conhecer a Deus. O outro objetivo era balizar a sua obediência. Calvino, por exemplo, falava muito pouco de si mesmo, o que denota que não se dava como exemplo para ninguém, mas buscava incessantemente esta meta. A Reforma nos ensinou que as Escrituras são o sujeito e nós o objeto de seu poder e de suas ações (Franklin: 2017, pág. 77). Somos transformados pelas Escrituras ao estudarmos, analisarmos e praticarmos. Ambos enxergavam esta relação com as Escrituras em um tríplice alicerce: crer, viver e ensinar as Escrituras. Assim, as Escrituras não tiveram para os Reformadores e aqueles que o seguiram e seguem até hoje, o simples peso de uma arma teológica

20

http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XIII_2008_1/A_Piedade_Obediente_de_Calvino_-_Hermisten_Maia_Pereira_da_Costa.pdf



contra heresias, mas como um sólido alimento diário que leva ao conhecimento de Deus e a uma vida plena diante dele. O que segue é que, como eles, devemos ver nas Escrituras uma fonte de alimento para a vida cristã que leva ao conhecimento de Deus.

Também ensinam aos seguidores de Cristo que a leitura e conhecimento dos originais são necessários Lutero traduziu em poucos meses a Bíblia para o alemão. Na verdade, qualquer pessoa que queira realmente se aprofundar no Estudo das Escrituras deve se aprofundar nos estudos da língua hebraica e do grego. Não é tão difícil quanto parece e há muitos recursos na Internet e cursos on-line e presenciais apenas para as línguas originais. O John Piper em seu livro *Irmãos não somos profissionais* chega a dizer que, para pastores, deveria ser uma obrigação usando como exemplo o Banqueiro, ou seja, um leigo, chamado Bitzer que se aprofundou no conhecimento dos textos originais (Piper, 97-104).

Deveríamos começar pelo estudo das línguas originais porque elas nos dão fundamentos muito sérios. Isto não implica em citar grego e hebraico no texto. Calvino, por exemplo, apesar de um erudito, não citava palavras em grego e hebraico e nem em latim do púlpito. Pelo contrario, apesar da erudição ele sempre usava palavras e exemplos simples com seu povo. Esta leitura e contato constante e direto com os textos nas línguas originais impulsionaram novamente²¹ o método de análise histórico-gramatical das Escrituras, já que até então o método alegórico vigorava. O que passa a ser prioritário na interpretação da Bíblia é compreender o seu significado aos ouvintes originais dentro de sua cultura e, a partir do conhecimento da língua em todas as suas nuances. Infelizmente, é que com a falta de conhecimentos das línguas originais e das normas de exegese e hermenêutica, cometemos o erro de alegorizar, ou mesmo de interpretar a bíblia anacronicamente e de produzir distorções, heresias e pouca profundidade no ensino, além de leituras parciais e tendenciosas. Este é outro ensino importante da Reforma: vamos aos originais!

²¹ Digo que impulsionou novamente porque o método já existia em Antioquia e em muitas igrejas do oriente.



A leitura e a pregação sistemáticas também são vitais para a igreja. Calvino era conhecido por pregar livros inteiros e na Bíblia toda. Suas mensagens tinham sempre em torno de uma hora. Calvino viveu em Estrasburgo quatro anos depois de sair de Genebra. Quando retornou a Genebra ele retomou a sua pregação no mesmo verso que estava quatro anos atrás. Não sabemos onde se encontrava, mas este evento assinala a importância das Escrituras em seu todo.

A pregação expositiva é o melhor método de exposição. Já falamos do estudo e pregação sistemática das Escrituras, mas quando falamos de pregação expositiva estamos falando do método de exposição da mesma. Aquele que é considerado o mais fiel. Lutero ainda interpretou a Bíblia no formato alegórico dos Pais da Igreja, mas a Sola Scriptura forçou a pregação expositiva como a forma mais poderosa de expor as Escrituras. A definição de pregação expositiva é muito variada e ainda há muitos ainda confundem pregação temática e pregação versículo por versículo com pregação expositiva. No site Voltemos ao Evangelho temos uma explicação simples, mas que sintetiza o que é um sermão expositivo:

O que é um sermão “expositivo”?

Um sermão expositivo é aquele que toma o ponto principal de uma passagem da Escritura, faz dele o ponto principal do sermão e o aplica à vida de hoje.

Em outras palavras, um sermão expositivo expõe o significado de uma passagem da Escritura e mostra a sua relevância para a vida dos ouvintes. É isso.

Isso significa que um sermão expositivo:

NÃO precisa focar apenas em um ou dois versículos.

NÃO precisa apresentar argumentos exegéticos complexos ou uma interminável contextualização histórica.

NÃO precisa ser seco, sem vida, ou distante da vida das pessoas.

NÃO confunde o ponto principal da passagem com qualquer aplicação legítima daquela passagem (isto é, não usa um versículo para dizer o que você quiser dizer).

Ao invés disso, ele toma uma passagem da Escritura – curta, média ou longa – e mostra quão dramaticamente importante é o significado primário daquela passagem para o mundo de hoje.



Para Calvino o significado das Escrituras é único, natural e simples (Vida Nova: 21). Para ele não se podia escolher uma passagem aleatoriamente, mas sempre dentro de todo o seu contexto e, pregada assim. Além disto, a pregação expositiva não se atém simplesmente aos longos significados de palavras específicas que podem muito mais confundir do que esclarecer o conteúdo de uma passagem. As perícopes²² de um texto devem ser respeitadas em sua íntegra independentemente de seu tamanho. A Bíblia, deste modo, é respeitada e aplicada à realidade e não o contrário. Hoje temos movimentos que querem excluir certas passagens das Escrituras por não condizerem com sua cosmovisão. Os reformadores nos ensinaram a não nos apegarmos a partes soltas das Escrituras e enxergamos o texto de forma integral. Doa a quem doar! Além disto, outro elemento importante da pregação expositiva é não cairmos na tentação de pregar somente o que queremos ficando na zona de conforto.

Eles nos ensinam também que a produção vasta de material perpetua o conhecimento. Quem não escreve não perpetua suas ideias e não edifica ninguém além daqueles ouvintes originais – é uma ideia defendida pelo Pastor Israel Belo de Azevedo, conhecido por uma vasta produção bibliográfica devocional e científica e grande incentivador da produção intelectual. Ele afirma em aula que gostaria que todos os seus alunos fossem escritores. A questão que está em jogo aqui é a reprodução de todo o conhecimento adquirido com as Escrituras e sua popularização, além de colocar as questões centrais e a análise das mesmas para o vasto campo do aprendizado bíblico. Lutero, neste sentido, deixou publicados sermões, suas teses e alguns comentários dos Credos além de análises de fatos seu tempo. Isto já citamos no ponto 3. Calvino, neste sentido, o superou em muito ao escrever as Institutas e deixar vasto material de comentários bíblicos, por exemplo. Ele é conhecido como o grande sistematizador da Reforma. Já defendemos, também, a divulgação por parte dos pastores e pregadores do conteúdo de seus sermões para consulta do seu rebanho e público. Aqui falamos de material ainda mais diverso. Músicas, salmos, orações escritas (que não são nada

²² Perícopes diz respeito ao texto integral sobre um assunto. Muitas vezes a divisão de versículos e mesmo a divisão temática dos produtores de Bíblias confundem muito mais do que ajudam na interpretação.



comuns a nós brasileiros, mas comuns entre protestantes de outros países), poesias, etc.; que podem ser uma parte importante da reflexão bíblica e da edificação da igreja. Muitos escritores, por exemplo, terminam suas obras com uma Doxologia, ou seja, orações, salmos, reflexões sobre a Glória e a Majestade Divina diante de sua tão rica Graça e Palavra. A rica hinologia cristã é produto desta relação com a Palavra de Deus. Os reformadores continuam sendo relevantes porque deixaram registros de suas reflexões e diversas formas de conhecermos suas ideias e seu tempo. Por isto, mais uma vez eles são exemplo para nós.

Os Reformadores eram homens da Bíblia e do seu tempo. Afirmar que os reformadores eram homens de seu tempo é redundante, mas uma redundância necessária. Com isto queremos dizer que os desafios que os tocavam são muito diferentes dos nossos e que, em vários sentidos, já herdamos muitas coisas prontas que estes construíram do nada ou resgataram de um passado mais remoto. A perspectiva das indulgências, da forte ingerência papal, da falta de acesso do povo às Escrituras, da inexistência de um ministério leigo, da pobreza, da fome e de tantos elementos da cultura europeia dos séculos XVI e XVII é o pano de fundo da Reforma. Já passamos pelo Iluminismo, passamos pelo modernismo e estamos no pós-modernismo. Nossos desafios são outros, mas o papel das Escrituras continua o mesmo. Vivemos o tempo dos excessos de informação. O pentecostalismo surgiu no início do século XX e agora temos o fenômeno do neopentecostalismo. A força de ideias da esquerda política e econômica, forças marxistas, socialistas e o crescimento da direita e do conservadorismo também confrontam, confundem e se misturam aos ensinamentos da igreja. Não há a vista qualquer possibilidade de acordo e unidade na igreja evangélica e protestante. Ninguém se reconhece falho. Todos têm suas verdades. Velhos pecados assumem novas roupagens e são muito mais difíceis de combater. É o tempo do politicamente correto. Parece-nos praticamente impossível sermos pessoas da Bíblia sem indisposição ou conflitos sérios com este mundo e com a própria igreja. Talvez seja este o preço a se pagar, mais uma vez. Através das Escrituras devemos encontrar respostas para as novas perguntas: O que é família? O que é igreja? Qual a religião verdadeira? O que é homem e o que é mulher? Entre tantas outras. Mas, talvez, não seja a hora de darmos respostas, mas



de fazermos as perguntas. Estamos em desvantagem, não somos uma maioria que pensa e comanda. Outros estão no comando. É hora de questionar, mas com as Escrituras no coração, talvez nem sempre nas mãos. Lutero e Calvino não tinham medo de afirmar que o Papa era o anticristo, o que pode ser uma afirmação mais corajosa do que necessariamente verdadeira dependendo de como se define a palavra anticristo. Para eles a Reforma, ou que o que estava acontecendo ali na Europa, era o prenúncio da volta iminente de Cristo. Tudo era urgente. Tudo era grandioso. Tudo era importante. Este senso de urgência nos foge. A grandeza do debate que estamos inseridos diz respeito ao futuro da humanidade e do seu destino final: Céu e Inferno. E, neste sentido, temos mais um legado dos reformadores: a Bíblia fala de nós.

1.10. Os puritanos e o discipulado

Cresceu nos últimos no Brasil, em virtude também dos 500 anos da Reforma Protestante, o interesse sobre um importante grupo herdeiro da Reforma e sobre os quais dispomos de considerável conjunto de informações e escritos: os Puritanos. Grandes vultos do cristianismo vêm dos puritanos. Na Inglaterra tivemos o Dr. William Ames, William Perkins, John Preston, James I, Charles I., John Owen, Richard Baxter. Nos Estados Unidos tivemos John Boston, Thomas Hartford Hooker e Johnatan Edwards.

Os puritanos são famosos por sua rigidez doutrinária, pelos longos estudos e sermões, pelos textos longos que procuravam exaurir seus significados e possibilidades interpretativas, pela rigidez na comunhão e na disciplina eclesiásticas. Por outro lado, nos impressionam relatos de sua vida comunitária que podia incluir noites de danças entre casais casados e locais específicos e sua dedicação ao trabalho como firme fundamento bíblico do cuidado da criação confiado por Deus ao homem. No entanto, o que mais impressiona no movimento dos puritanos, como já dito anteriormente, é a perseverança em discutir e *sistematizar* o conhecimento de todas as áreas da vida. Não havia assunto que escapasse às suas investigações e escrutínio. A vida era observada do ponto de vista teocêntrico, ou seja, toda a vida pertence a Deus. Por isto, também, devemos evitar romantizar ou supervalorizar o



puritanismo porque este também teve seus erros pelos mesmos motivos: o excesso. Excesso justificado pela decadência da igreja anglicana, sua forte opositora, regida pela Rainha Elisabeth.

No livro *"Santos no Mundo: os puritanos como realmente eram"*, Leiland Ryken procura resumir o pensamento e o comportamento puritano em pelo menos nove áreas: trabalho, sexo e casamento, dinheiro, família, pregação, igreja e culto, Bíblia, educação e ação social.

O trabalho era compreendido como uma benção e a maior expressão da mordomia cristã, ou seja, do cuidado com a criação. Apesar de trabalharem muito e incentivarem o trabalho árduo como disciplina espiritual, eles entendiam que seu sucesso e prosperidade era resultado da benção de Deus e não deste esforço diário. Também se preocupavam em equilibrar o excesso de trabalho e a preguiça. Um clássico puritano nesta área é *Paraíso Perdido (Lost Paradise)* de John Milton. Ele procura mostrar que mesmo no Éden antes da queda, que o trabalho era agradável e também necessário, afastando a ideia de trabalho como castigo divino (Ryken: 2013. Página 80).

Quanto ao sexo e casamento, os puritanos surpreendem, já que tem uma imagem do sexo e do casamento não apenas para reprodução, mas como forma de intimidade, manutenção do casamento e de culto a Deus. Lembremos que falamos de um grupo dos séculos XVII e XVIII. Eles se opunham as ideias medievais católicas do celibato e da impureza do ato sexual, reafirmando o casamento a vida sexual ativa e saudável dentro do casamento. Para eles o sexo era um impulso natural e físico, mas devia extrapolar o mero ato físico (Ryken: 2013. Página 93). Os puritanos produziram muitas obras poéticas sobre o relacionamento conjugal²³.

O dinheiro também era uma temática puritana. O princípio puritano é de que os bens materiais eram bons. Samuel Willard, puritano, disse: "as riquezas são consistentes com a santidade, e quanto mais um homem tem, mais condição tem de

²³ Caso haja interesse nesta, procurar escritos de homens como John Milton (já citado anteriormente), William Whately, William Gouge e Thomas Hooker. Todos puritanos.



fazer o bem, se Deus lhe dá um coração para isso” (Ryken: 2013. Página 112). Mesmo assim, puritanos como Richard Baxter e Richard Sibbes afirmavam o perigo de se deixar levar pelas riquezas porque é difícil um rico entrar no reino dos céus. Incentivavam constantemente a que as riquezas fossem usadas para a glória de Deus e não consideravam a pobreza como uma maldição.

A família estava entre os principais temas dos puritanos: “deve-se viver a religião tanto quanto se deve falar em religião” (Ryken: 2013. Página 137). O papel da família era definido a partir do seu propósito: glorificar a Deus. A família era vista como uma igreja. Os pais eram responsáveis por toda família, as mães subordinadas em suas funções e os filhos sujeitos à autoridade dos pais.

Outro assunto era o papel exato da pregação na vida puritana. Vamos tomar como exemplo Richard Baxter e sua comunidade. Richard Baxter nasceu em Rowton, Chester, 12 de Novembro de 1615 e morreu em Shropshire, 8 de Dezembro de 1691. Foi um líder puritano inglês, sacerdote, escritor, a quem Dean Stanley chamou "o chefe dos protestantes intelectuais da Inglaterra". Em seu livro publicado em português sob dois títulos: O Pastor Reformado ou o Manual de discipulado Pastoral, ele coloca a relação do pastor e a pregação, além da própria congregação, no nível mais elevado possível. A igreja dele chegou a ter mais de 3.000 membros (800 famílias) que ele visitava sistematicamente. Nestas visitas ele sempre recordava e usava os sermões pregados como forma de evangelizar, discipular e confrontar os crentes. Hoje, por causa de música, do desinteresse dos crentes, da falta de profundidade dos pastores, por todo tipo de oferta perniciosa à mente dos crentes, o sermão no culto público é praticamente um adereço sem importância e dificilmente os crentes se lembram na segunda-feira o que ouviram no domingo. Em alguns casos nem há mesmo o que lembrar. As igrejas puritanas, herdeiras da Reforma, eram conhecidas por participar atentamente a cultos cujos sermões facilmente chegavam a duas horas. Os sermões eram discutidos também à mesa de almoço e jantar. Já que queremos tomar os Reformadores e seus herdeiros mais diretos como exemplo, caberá aos pastores o cuidado maior com seus sermões incluindo o fácil acesso aos esboços e, preferencialmente, aos sermões escritos na íntegra, e o uso devocional deste material pela congregação. Além disto, cabe um



plano sistemático de pregação de toda a Escritura para a congregação. São recados do puritanismo inglês a nós hoje.

Os puritanos levam a sério e procuravam a independência da igreja do Estado. Desta forma, não queriam formar uma nova denominação, mas cultivarem uma política eclesiástica baseada na autoridade da Bíblia. O culto era estudado e analisado e geralmente tinham uma liturgia muito bem definida, geralmente composta por (Ryken: 2013. Página 207):

- Uma confissão de pecados,
- Uma oração por perdão,
- Um salmo métrico,
- Uma oração por iluminação,
- Leitura da Escritura,
- Sermão,
- Batismos e publicação de exclusões,
- Oração longa e Pai nosso,
- Credo apostólico (recitado pelo Ministro),
- Um salmo métrico,
- A Bênção (Araônica ou Apostólica).

Como queriam fazer contraste com a igreja anglicana, diferenciavam cerimônia de ritual e não usavam vestes clericais como os anglicanos.

Os puritanos tornaram a Bíblia um livro acessível a todos quando o traduziram para o inglês. Acreditavam que a Bíblia era um livro vido que podia modificar a vida das pessoas. Estabeleceram os limites e princípios da relação dos crentes com a Palavra de Deus e sua interpretação: ênfase no pano de fundo histórico-gramatical e não na alegorização do texto, a dependência do Espírito Santo, atenção ao contexto, a unidade da Bíblia, distinção entre Lei e Evangelho, e sensibilidade a dimensão literária da Bíblia.



Os puritanos eram também defensores da educação. Compreendiam que as verdades espirituais e especiais de Deus deviam ser estudadas em conjunto com o conhecimento adquirido pelos humanos e combinavam razão e fé, ou seja, o conteúdo ensinado era abrangente. Esta integração só era possível por causa da compreensão de que Deus era a fonte de todo o conhecimento e de toda a verdade (Ryken: 2013. Páginas 285-86).

Para os puritanos o envolvimento social era um chamado cristão para a busca do bem comum. Por meio de panfletos e mensagens públicas procuravam alertar e incentivar os crentes a este chamado. Afirmavam, no entanto, que a necessidade do cuidado e auxílio dos pobres e da produção da justiça social eram obrigações muito mais pessoais do que institucionais, ou seja, as ações individuais dos cidadãos em relação a seus parentes e pessoas próximas deveriam promover a verdadeira justiça social e sem a necessidade de ações governamentais. As boas obras eram atos inevitáveis de gratidão pela salvação de Deus (Reyke: 2013. Página 308).

Os puritanos ensinam aos discípulos de Cristo a abrangência da vida Cristã e do chamado cristão. Cristãos são responsáveis diante de Deus por sua família, pela sociedade e por si mesmos. Tudo deve ser para a glória de Deus.

1.11. As missões modernas e o discipulado

O movimento missionário moderno tem início no final do século XVIII e início do século XIX chamado William Carey. A compreensão de que Mateus 28.18-20 é para todo o cristão e não apenas para os discípulos marcou uma retomada nas ações missionárias pelo mundo. Ao fim deste trabalho falaremos das diferentes ênfases da interpretação do final do Evangelho de Mateus e suas implicações atuais para o debate missionário e de formação de novos discípulos. O fato que nos interessa agora é que William Carey inicia o movimento que mudaria o jeito de se fazer missões e alcançar novas pessoas para Cristo no mundo começando pela Índia.

O nome de William Carey é conhecido em todo o mundo por suas características missionárias e o novo impulso que deu a obra missionária e, por isto



também, é um modelo de seguimento de Jesus e de compromisso com sua obra. Nascido em 1761 em família muito pobre, apesar de não ter tido educação formal, ele se destaca pelo aprendizado de vários idiomas e da tradução da Bíblia para vários deles. A leitura do livro do Capitão James Cook, enquanto trabalhava de sapateiro, mudou o coração de Carey. Os avanços as conquistas militares inglesas não se traduziam com a propagação do Evangelho.

Sua preocupação com povos não alcançados pelo Evangelho só cresceu. Em reunião da igreja compartilhou sua preocupação, mas não teve a resposta que imaginava. Diz-se que uma líder respondeu assim: “Jovem, se assente! Quando Deus resolver converter os pagãos, o fará sem a sua ou a minha ajuda.” isto não foi suficiente para desanimá-lo, mas tomando Isaías 54.2 como texto, pregava sobre o tema: “Esperai grandes coisas de Deus; praticai proezas para Deus.”

Esteve na Índia por mais de 40 anos. Neste tempo ele lutou contra o sistema de castas da Índia, a prática da autoimolação das viúvas e o infanticídio. Ele traduziu a Bíblia inteira para 5 línguas indianas e partes da Bíblia para mais de 20 línguas. Com os colegas, ele fundou a faculdade de Serampore, uma escola de treinamento para pastores e missionários. Além disso, ele ajudou a conduzir mais de mil indianos a Cristo, os quais abandonaram o sistema de castas. Suas ações e testemunho chegaram aos ouvidos dos próprios ingleses, norte-americanos, canadenses e outros europeus, causando o surgimento de diversas agências missionárias.

Segue um breve registro bibliográfico deste homem que mudou a forma de fazer missões no Ocidente e trouxe mudanças na forma de ser igreja:

- 1761 Nasceu na Inglaterra;
- 1776 se tornou aprendiz de sapateiro aos 15 anos, um ofício que ele exerceu por mais de 12 anos;
- 1776 se converteu, depois de muitos meses de debate sobre assuntos religiosos e espirituais com John Warr, um companheiro aprendiz de sapateiro;



- 1779 Saiu da Igreja Anglicana e se uniu a um novo grupo chamado de “dissidentes”, que mais tarde veio a ser a igreja Batista;
- 1781 aos 20 anos de idade, Carey casou-se com Dorothy Plackett, a cunhada do seu chefe. Eles tiveram seis filhos (2 meninas e 4 meninos). Infelizmente, as duas meninas e um menino morreram na primeira infância;
- 1783 foi batizado;
- 1785 foi reprovado em seu exame de pregação para ordenação;
- 1787 foi ordenado;
- 1789 se tornou pastor de uma igreja batista em Leicester, na Inglaterra;
- 1792 publicou sua famosa obra, “Uma averiguação da obrigação dos cristãos de usar meios para a conversão dos pagãos.” Nos anos que se seguiram, esse livro mobilizou milhares de cristãos para missões transculturais;
- 1792 os Careys partiram rumo à Índia;
- 1794 seu filho, Peter, morreu de escarlatina aos cinco anos de idade;
- 1800 Carey batizou, no rio Ganges, seu primeiro convertido ao evangelho!
- 1801 Traduziu o Novo Testamento para a língua Bengali;
- 1809 Terminou a tradução integral da Bíblia para a língua Bengali;
- 1818 Fundou a faculdade de Serampore, escola de treinamento para pastores e missionários indianos;
- 1834 aos 73 anos de idade, Carey morreu tranquilamente em seu sofá favorito no escritório da universidade.

Para mais informações recomendamos o livro *Perspectivas no movimento Cristão Mundial da Vida Nova*²⁴.

1.12. Cristãos no século XX e XXI: países tolerantes ao Evangelho

Após o puritanismo inglês e americano, os avivamentos que marcaram parte dos séculos XVIII e XIX, chegamos ao século XX. Foram inúmeros movimentos e teologias que marcaram o início do século XX e se estenderam, sofrendo novas mudanças e divisões, durante o restante do século XX e XXI. O século XX é o palco

²⁴ BRADFORD, Kevin D.; WINTER, Ralph D.; HAWTHORN, Steve C. *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009. 792p.



de duas grandes guerras mundiais e também marca a mudança no paradigma do pensamento cristão e secular ocidental que traria mudanças profundas na mentalidade do ocidental e da igreja também: a pós-modernidade²⁵.

Os novos paradigmas da mentalidade que rompem com as narrativas bíblicas, como a relativização do pensamento, a expansão da mentalidade progressista e marxista (vide Teologia da Libertação e TMI – Teologia da Missão Integral), são alguns destes fenômenos e manifestações.

O cristianismo, mais do que nunca, se multifacetou a ponto de não haver mais diálogos entre vários setores do cristianismo. O pentecostalismo, nascido no início do século XX, marca mudanças significativas em várias partes do globo, sobretudo na América Latina, trazendo novas prioridades para suas igrejas: dom de línguas, cura, prosperidade, entre outros²⁶. O final do século XIX e início do século XX foi marcado pela tensão e as divergências de dois movimentos que se estabeleceram neste mesmo tempo: o fundamentalismo e o liberalismo teológico. Gibellini (Rosino Gibellini: Loyola, 1998) fala da existência de várias teologias no século XX como: da ética, existencial, hermenêutica, da cultura, da modernidade, da secularização, católica, da história, da esperança, política, da experiência, da libertação, negra, feminista, do Terceiro Mundo e ecumênica, falando apenas de século XX. E, a depender de como se analisam os dados, estes movimentos e cosmovisões aumentariam muito mais.

²⁵ O termo pós-modernidade, apesar de muito comum, não é um consenso mas, mais do que a simples mudança de nomenclatura, nomes como modernidade tardia, modernidade líquida, entre outros, marcam, também, diferença na forma como se vê o tempo que vivemos desde 1940 no ocidente.

²⁶ Não é nosso propósito aqui fazer uma análise história profunda e exaustiva de qualquer manifestação cristã, mas vale uma nota de rodapé. O pentecostalismo, forte denominação no Brasil, representada em boa parcela pelas Assembleias de Deus, é um modelo do que estamos dizendo em termos de mudanças no século XX. As três ondas do pentecostalismo no Brasil, resumidamente, podem ser descritas assim: a primeira onda nos anos 1906-1910, quando surge a Assembleia de Deus; a segunda onda com Igreja como Evangelho Quadrangular, Deus é amor em meados dos anos 1950; a terceira onda vem com o neopentecostalismo no fim dos anos 1970 com a Igreja Universal do Reino de Deus. Autores como Ricardo Bitun, já preconizam o surgimento de uma quarta onda, baseada nas tensões ente a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), dirigida por Edir Macedo, e a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) que disputam claramente o mesmo *mercado religioso* e o mesmo tipo de fiel. No apêndice incluímos uma resenha do livro do Ricardo Bitun onde isto ficará mais claro.



Diante do globalismo, das guerras, das crises internacionais, e das crises espirituais de um homem doente física, emocionalmente, espiritualmente e socialmente, é legítimo que surjam minorias que procurem seus direitos e que cristãos tomem partido do sofrimento de outros, buscando com isto maior *engajamento* nas questões. Entretanto, muitos se perdem no processo ao tomar tais questões como centrais na pregação e *práxis* do Evangelho e no processo de transformação do mundo pelo modelo de Cristo. Não são poucos os que hoje confundem o Evangelho com as causas sociais e das minorias e se transformam, primordialmente, em agentes das agendas sociais e não mais discípulos de Cristo.

Cresce, de modo ainda tímido, mas incessante, a camada da população evangélica identificada com a Teologia Reformada procurando com isto uma nova prática de culto focada na Palavra de Deus e na forma de viver. Nesta camada da população encontram-se muitos jovens. Apesar dos esforços em contrário e de toda guerra cultural que vivenciamos, o mundo parece pender à direita. Os direitos individuais, o menor peso do governo na vida diária, a luta contra a corrupção, a liberdade de imprensa e de opinião turbinada pela internet, a revalorização da religião, da família e do poder das autoridades parece um clamor crescente de um povo que ainda não se manifesta plenamente nos principais meios de comunicação, mas que se demonstra pelo voto e, mais uma vez, pelas redes sociais. Este mesmo anseio parece tomar o dia a dia das igrejas: pessoas migrando em, mas crescente escala, para igrejas tradicionais, o crescimento dos porta-vozes reformados na Internet e um aparente cansaço de muitos com charlatanices e heresias de lideranças centralizadoras e manipuladoras.

A cara do Brasil evangélico ainda é fortemente neopentecostal e sem perspectivas de mudanças no curto prazo. Poucas e esparsas nuvens do horizonte parecem apontar noutra direção já que em alguns meandros pentecostais históricos já haja a identificação de alguns como calvinistas e desejosos de uma doutrina mais sólida e uma forma de culto menos antropocêntrico. As duas maiores denominações brasileiras no momento, que são muito presentes nas mídias sociais, rádio e televisão, a IURD e IMPD, crescem exponencialmente e já deixam para trás as Assembleias de Deus, que já não podem mais contar com qualquer unidade interna,



é hoje, também, uma denominação multifacetada. A visão de quem está de fora é incapaz de perceber as muitas diferenças entre crentes e igrejas e, nem mesmo aqueles que estão na igreja, dão conta de explicar a grande gama de ideias, cosmovisões, formas de administração, etc., das muitas igrejas evangélicas. Especialistas como sociólogos, antropólogos, teólogos e cientistas da religião, se desdobram para explicar os mais diversos fenômenos e expressões contemporâneas da igreja evangélica e de religiões e denominações minoritárias. Apesar dos esforços em certos países da América Latina, por exemplo, em suprimir certas expressões da religião, ou de limitar o papel e ação da igreja, a igreja evangélica segue crescendo e se expandindo para outros lugares. Homens como Freud, Nietzsche, Marx e muitos dos seus seguidores, escreveram e apostaram todas suas fichas de que a evolução da humanidade culminaria com o fim da religião e, em seus prognósticos, isto estaria muito perto de acontecer. No entanto, passados pouco mais que 100 anos, o contrário é verdade. .

O islamismo é ainda um dos nossos maiores desafios. Determinados a tomar e governar o mundo, eles vão pouco a pouco tomando a Europa, tendo já aportado nas Américas. Sua determinação e doutrinação aliadas a uma alta taxa de natalidade mostram que em poucas décadas serão a maioria da população na Europa, na América e depois no mundo. Algumas estatísticas dão conta de que a população cristã decresce enquanto a população islâmica cresce rapidamente.

Nosso propósito é pensar nos desafios que temos próximos a nós, no Brasil. Por isto, alistaremos os desafios para um discipulado eficiente em contraposição às ênfases que temos aqui expressas.

Primeiramente temos um desafio doutrinário fortalecido pelo grande analfabetismo bíblico. Émile Leonard²⁷, historiador francês, que escreveu um

²⁷ LÉONARD, Émile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. Tradução de Camargo Schützer, 2ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo, JUERP/ASTE, 1981. 354 p. Léonard é francês e veio ao Brasil na década de 1940. Nos quatro anos que esteve no Brasil foi professor na USP, tendo vindo a convite para palestras, mas estendeu sua estada no país. Nestes quatro anos aprendeu o português com fluência e investigou toda documentação disponível sobre os protestantes brasileiros e escreveu esta obra que é uma referência obrigatória para todo pastor, estudante de teologia e crentes que querem conhecer suas raízes. Sendo presbiteriano, não se furtou a escrever com detalhes sobre todas as denominações com riqueza de datas, personagens e fatos.



Impressionante. Podemos comparar este trabalho apenas com a obra de Otto Maria Carpeaux, austríaco residente no Brasil que em pouco tempo era profícuo conhecedor de toda literatura brasileira. Este morto em 1978. O livro foi encerrado em 18 de setembro de 1950. O pentecostalismo ainda não era tão relevante quanto hoje. Deste modo, mereceu apenas comentários de passagem ao final do livro. 1) Ele usa o termo propaganda protestante porque a conotação era outra. Ele não trata da conjuntura político-social brasileira que também influenciou o protestantismo e cita sempre de passagem o papel do pentecostalismo. No entanto, dispõe de dados impressionantes do movimento protestante brasileiro. Isto explicaria o a presença do protestantismo no ruralismo inicial e depois sua presença e desafios nas metrópoles brasileiras, já que na década de 30 o Brasil começou o grande êxodo getulista. 2) Segue uma linha mais historicista e não sistematiza o protestantismo brasileiro ocupe seria comum a um francês. Poderíamos propor o seguinte sistema: a) chegada de protestantes começando pelos presbiterianos, b) movimentos anticatólicos, c) movimentos antimacônicos, d) unionismo – uma espécie de ecumenismo protestante (não deu certo), e) anti-espiritismo (com o crescimento do kardecismo no Brasil e os primeiros movimentos sincretistas), f) antipentecostal, g) anti neopentecostal, h) misto. Sempre movimentos que muitos mais se posicionaram contra algo do que tentando formar a própria identidade. 3) Foram fatores que favoreceram o protestantismo no Brasil: baixa qualidade do clero católico, falta de clérigos e igrejas católicas fechando, a oposição do catolicismo brasileiro a Roma, os sermões protestantes mais populares e apaixonados e diferentes da exigência católica a uma vida como as dos Santos. Os brasileiros receberam bem os protestantes. 4) José Maria da Conceição, o primeiro pastor brasileiro, ex-padre, foi um Lutero Brasileiro. Morreu na noite de Natal. A viagem para os EUA não foi de descanso e não queria administrar igrejas, mas pregar e organizá-las apenas. Morreu em 1873. Era conhecido com *padre protestante* e depois de convertido como *pastor louco*. 5) Miguel Texeira Vieira, foi um dos grandes protestantes brasileiros na época ao lado de Conceição, e atuou de forma independente por causa de sua visão mais espiritualista da igreja, mesmo sendo visto como bom intérprete das Escrituras. Por volta de 1870. 6) A reação ao catolicismo foi muito forte. Vinda da Europa, o anticatolicismo encontrou forte adesão aqui. Os primeiros missionários e pastores brasileiros, como Conceição, focaram mais na adesão à mensagem evangélica do que na retaliação ao catolicismo, isto gerou reações mais tardias quando esta posição foi abandonada. 7) Reverendo Mesquita II História dos Batistas. 8) Missionary Comity um acordo para denominações não se esbarrarem em 1888 depois em 1902. Cidades como menos de 25.000 pessoas só podiam ter uma denominação, membros trocados por carta de transferência, nada de obreiros mudarem de denominação. 9) O desejo de independência dos americanos e a formação de duas faculdades em São Paulo, uma delas o Mackenzie, foi motivo da formação dos presbiterianos independentes e de muitas disputas entre eles e os americanos. A maçonaria exerceu bom motivo para acirrar as questões, tudo isso no início do século XIX. 20 anos depois seriam os batistas a combater a presença maçônica na igreja. 10) A década de 1920 foi quando se deram os embates de independência do capital e direção estrangeiras, principalmente americana. O foco foi o Nordeste, sobretudo Pernambuco. No entanto, em 1925 acordos de trabalho deram uma arrefecida no debate. É por ocasião que o congregacionalismo batista ganhou ainda mais força, haja vista que queriam independência dos americanos e tinham nas mãos certa autonomia que levou ainda muitos anos para acontecer. Ainda temos uma dependência intelectual dos americanos. 11) Os católicos cantavam músicas pejorativas dos protestantes. Algumas bem pesadas. 12) Logo os batistas brasileiros inauguraram uma igreja em Portugal. Já era um desejo na fundação da Convenção em 1907. Mas a tensão foi grande e incluiu a Junta de Richmond e do Texas no problema. O seminário fundado contava com desavenças entre o diretor brasileiro e o administrador português. 13) O crescimento protestante no século XX no Brasil foi ajudado pela baixa quantidade de clérigos católicos que não acompanharam o crescimento numérico do Brasil e o distanciamento moral e pouca empatia dos mesmos. Coisas que sobravam nos missionários protestantes estrangeiros e nos novos ministros brasileiros. 14) A relação com os protestantes estrangeiros geraram controvérsias quanto ao fumo e bebida. No Rio Grande do Sul, os crentes chegaram a ser divididos em fumobatistas (plantadores e consumidores de fumo) e batatabatistas (contrários a isto e que viviam da plantação de batatas). 15) Somente na década de 60 que os brasileiros começaram a dar destaque aos ministros, denominações e história daqui. Mesmo assim, igrejas como os metodistas, ainda dependiam muito de capital estrangeiro para seu trabalho. Nesta época os templos começaram a assumir um perfil protestante brasileiro, mas também foi o tempo em que o formalismo estrangeiro e o informalismo brasileiro entraram em choque. Os brasileiros lutavam dos dois lados. Em muitas denominações o



importante livro sobre a história do protestantismo no Brasil, isto nos poucos anos que viveu aqui no final da década de 1940, afirmava que o Brasil ainda vivia condições parecidas com a da Europa pré-reforma protestante. A mentalidade altamente dependente do clero, ignorância bíblica, misticismo e superstição, enfim, uma definição completa de sincretismo religioso. Nem mesmo hoje, com tanta informação e com o avanço do conhecimento das doutrinas reformadas, podemos afirmar que tenhamos de fato avançado muito. Denominações como IURD e IMPD ainda se valem do sincretismo como forma de adquirir adeptos, ao mesmo tempo em que disseminam este mesmo sincretismo criando dificuldades para a evangelização e muita confusão doutrinária. Um desafio muito grande é do desmascarar este sincretismo por meio da pregação da Palavra de Deus e atestar a sua suficiência

indivíduo era preterido pela causa. 16) Até 1949 os batistas apresentaram um grande crescimento devido ao sistema congregacional que privilegia o indivíduo e não o dilui na comunidade. Naquele tempo cada membro batista era um evangelista em potencial. Era considerado por outras denominações como de organização confusa e bagunçada. 17) Dificuldades de crescimento chegaram a provocar em algumas denominações a vontade de se unirem: presbiterianos, episcopais e congregacionais – o unionismo já citado acima. 18) À época surgiram também as primeiras mocidades organizadas, mas tiveram muitos problemas, quando mulheres e homens também formaram seus departamentos. A divisão de departamentos dentro das igrejas surgiu como oposição e revolta. Não foi um movimento tranquilo. 19) Ainda em 30, grupos de jovens se amotinam contra suas lideranças, vencidos pelo neto de Eduardo Carlos Pereira. 20) O processo de formação de intelectuais brasileiros começa a gerar a produção de heresias na igreja como o aniquilamento da alma. Talvez até hoje haja resistência a clérigos mais intelectualizados e com mais informações. 21) O unionismo de 30 e 40 não vingou. A esta época, em virtude dos estrangeiros doutores, havia uma ética anti-intelectual na igreja e os doutores eram vistos como libertinos. Ver página 304. 22) este momento o Brasil já começa a viver os problemas de um protestantismo velho: teologia e máquina eclesiástica. No protestantismo novo o foco é evangelização, conversão e conquista. Dentro deste processo a EBD teve apelo importante nos três tempos da vida de um crente: conversão, instrução e evangelização. Os números de visitantes nas EBDs eram impressionantes. 23) Até 1940 pastores se desdobravam nos campos para atender um sem número de igrejas, foi então que o desafio de pastorear o proletariado se afirmou. Gerou uma divisão doentia entre Protestantismo de Sacramento, Protestantismo do Livro e Protestantismo do Espírito. Uma membresia mais burguesa tem seus problemas também. Agora há problemas como saneamento na agenda missionária metropolitana. 24) É um período de Iluminismo no Brasil em que se aprende a ler e se abandona a Bíblia porque se pode ouvi-la pelo rádio também. Certo, conta sua esposa, aprendeu a ler para ler a Bíblia, mas assim que aprendeu só lia notícias e política. 25) A mesma fraqueza que se viu contra a maçonaria agora está dirigida ao espiritismo que era visto como culto verdadeiro e contaminou o protestantismo. 26) Ele cita a Assembleia de Deus nesta fase, mas talvez não seja tão vultuosa como hoje e se limita a dizer que os batistas se lhes opõe duramente. Mas antevia um crescimento dos pentecostais, sobretudo por que dedica tempo a Congregação Cristã do Brasil associada à chegada de italianos. 27) Neste momento as loucuras e insanidades ligadas à falta de conhecimento bíblico são presentes. 28) Termina em 1950 falando da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, que pretendia estar alheia as desavenças denominacionais e o liberalismo estrangeiro. 29) Há um tom de profecia final incentivando a um posicionamento claro em relação a isto diante das Escrituras sob o preço cai de cair na extravagância e depois na indiferença. Já estamos no limite de uma para outra.



como regra de fé e prática para uma sociedade confusa, extremamente pragmática e muito supersticiosa.

Temos, também, um desafio de natureza litúrgica já que falamos de sincretismo religioso, de uma forma de sincretismo evangélico interno, da intensa mercantilização da fé cristã, além do grande trânsito religioso dentro do próprio corpo evangélico. As igrejas primitivas, como as igrejas Reformadas, contavam com certa rigidez doutrinária e litúrgica. Os lecionários, antigas ordens de culto, contavam com todas as partes do culto, além de grandes porções das Escrituras, já que as pessoas não podiam contar, como contam hoje, com Bíblias de custo acessível. Leituras bíblicas responsivas, longas exposições da Palavra de Deus, momentos para confissão, contrição, arrependimento, além de pedido de perdão, faziam parte do culto. Havia um apelo teocêntrico e focado na Palavra. Os cultos, em boa parte das igrejas de hoje, atendem a uma clientela ávida por ser satisfeita em suas necessidades. O culto é antropocêntrico e foca nos sentimentos e procura, de modo geral, provocar reações emocionais e extáticas nos seus frequentadores.

O desafio da prática do cristianismo também é um ponto de muita contradição. Quando falamos da prática estamos tratando da forma como a igreja se expressa para o mundo. Hoje, tratamos das tensões presentes e crescentes da TMI (Teologia da Missão Integral) e da relação entre a política e o papel da igreja. A TMI tem a virtude de apontar a necessidade da igreja não ficar alheia aos problemas sociais que a circunda e ver nelas a possibilidade de cumprir plenamente o chamado cristão para ajuda aos pobres, aos doentes, encarcerados e injustiçados, mas se perde quando perde o foco na pregação do Evangelho e na busca da conversão do pecado à Cristo focando apenas em suas necessidades materiais, terrenas e momentâneas. Faça-se aquilo sem se esquecer disto. Por outro lado, a questão política parece tem proeminência entre nós também. Como resultado das ações da Polícia Federal, o descrédito da esquerda, a corrupção galopante, problemas de natureza econômica, o aumento da violência e, sem dúvida alguma, o crescente ingresso de evangélicos no meio político desde a década de 1980, tornaram o assunto político altamente importante e comentado no nosso dia a dia. As igrejas, por sua vez, não tem se furtado a discutir e debater o assunto. No entanto, assim



como na TMI, a necessidade de conhecimento e envolvimento político podem exceder os limites de uma fé e de uma práxis cristã sadia. Os evangélicos não podem se enganar: o Reino de Deus se imporá sobre a natureza única e exclusivamente pelo poder do próprio Deus, a mesmo que você seja pós-milenista, postura rara entre nós. Isto significa que a necessidade de envolvimento político e social não pode se impor a pregação do Evangelho e à manifestação do Reino de Cristo, ainda que seja urgente, como os servos de passado fizeram, que os cristãos ajam pela justiça e equidade social.

1.13. Cristãos no século XXI: países onde há perseguição

A igreja perseguida é uma realidade mundial. Agências missionárias importantes, como a Missões Portas Abertas, tem como foco informar, cooperar e trabalhar pela igreja perseguida. Listas anuais são criadas anualmente e atualizadas mostrando os pontos de maior tensão religiosa e maior oposição ao cristianismo no mundo. Segue abaixo a explicação de um mapa de perseguição extraída do site da Missão Portas Abertas Brasil:

ENTENDA A LISTA

Saiba como é realizada a pesquisa da Lista Mundial da Perseguição

Uma das principais ferramentas da Portas Abertas para rastrear e medir a extensão da perseguição no mundo é a Lista Mundial da Perseguição. A Portas Abertas tem acompanhado a perseguição de cristãos em todo o mundo desde a década de 1970. Segue uma breve visão geral dos principais elementos da metodologia.

Todos os anos, a Lista Mundial da Perseguição é auditada independentemente. O órgão de auditoria é a única instituição com acadêmicos dedicados a estudar a liberdade religiosa dos cristãos - o Instituto Internacional de Liberdade Religiosa (IIRF).

Esta é a única pesquisa do tipo realizada anualmente em todo o mundo. Ela avalia a liberdade que um cristão tem para praticar a fé nas cinco esferas da vida:





INDIVIDUALIDADE



FAMÍLIA



COMUNIDADE



NAÇÃO



IGREJA

INDIVIDUALIDADE

A pessoa não é livre para escolher qual religião quer seguir, orar a Deus dentro de casa ou num lugar público. Ter a Bíblia e outros livros cristãos também é proibido. Não há liberdade para expressar a fé.

FAMÍLIA

A perseguição vem por meio de parentes que insistem que o cristão volte à antiga fé. O convertido é proibido de praticar a fé cristã em casa e enfrenta problemas em assuntos civis como casamento, batismo, enterro de familiares, criação de filhos, divórcio e direitos de herança.

COMUNIDADE

O cristão sofre pressão por meio de atitudes preconceituosas, leis, sequestro, casamento forçado, dificuldade de acessar recursos comunitários e de saúde, pressão para renunciar a fé, discriminação no trabalho, desvantagens na educação, intimações à delegacia, multas etc.

NAÇÃO

Quando não há leis que garantam a liberdade de culto e de prática da fé. Evangelizar é considerado um crime e, em casos mais extremos, se converter também. O cristão enfrenta acusações de blasfêmia, problemas para tirar o passaporte, se reunir com cristãos, expressar a opinião publicamente, entre outros.

IGREJA

Há impedimentos para registrar e construir igrejas e realizar atividades comunitárias, como culto, reunião de oração, batismo, aula bíblica etc. É comum o confisco e monitoramento de materiais religiosos e de treinamentos bíblicos.

O nível de perseguição caracteriza-se por uma escala de 0-100 pontos, diretamente ligada a um conjunto de 96 questões, abrangendo as cinco esferas da vida acima e a ocorrência de incidentes violentos. Para fins práticos, a Lista



Mundial da Perseguição 2018 dividiu-se nesta faixa 0-100 pontos em 4 categorias.

PERSEGUIÇÃO EXTREMA	PONTUAÇÃO NA PESQUISA ENTRE 81-100
PERSEGUIÇÃO SEVERA	PONTUAÇÃO NA PESQUISA ENTRE 61-80
PERSEGUIÇÃO ALTA	PONTUAÇÃO NA PESQUISA ENTRE 41-60
PERSEGUIÇÃO VARIADA <i>(Países que ficam abaixo dos 50 e não entram no mapa anual)</i>	PONTUAÇÃO NA PESQUISA MENOR QUE 40

Ao separar as áreas para análise, a Portas Abertas elabora um questionário específico e extenso que contempla as diferentes formas de perseguição. Cristãos de diversas nações são convidados a responder um total de 96 perguntas que, somadas a informações obtidas por meio de pesquisas e averiguação, culminam na pontuação do país na Lista.

O resultado final é usado para determinar a ordem dos países na posição de 1 a 50 da Lista Mundial da Perseguição. Além disso, a pesquisa faz distinção entre duas formas principais de perseguição: ameaças e pressões que cristãos vivenciam em todas as áreas da vida, e pela violência a que eles são submetidos.

Não se engane ao imaginar que a violência é a forma predominante e mais invasiva de perseguição; em muitos casos, a opressão pode ter um efeito ainda mais devastador. Isso explica porque não necessariamente quanto maior a violência física contra os cristãos, maior é a perseguição.

A grade de pontuação tem quatro elementos de resposta variáveis que determinam a pontuação de cada questão:

- 1) Proporção dos tipos de cristianismo afetados
- 2) Proporção de território habitado afetado
- 3) A intensidade da perseguição
- 4) Frequência de perseguição



Para classificar entre perseguição extrema, severa, alta e variada, a Portas Abertas utiliza os campos de intensidade e frequência de perseguição.

Intensidade da situação: o grau ou o nível de pressão causado por uma fonte de perseguição. Ele pode ser "baixo", "médio", "alto" ou "muito alto".

BAIXO: se o problema em questão pode ser tratado ou processado com facilidade.

MÉDIO: se o problema em questão pode ser tratado ou processado, mas com mais dificuldade do que se fosse baixo.

ALTO: se o problema em questão pode ser tratado ou processado, mas com dificuldade.

MUITO ALTO: se o problema em questão só pode ser tratado ou processado com grande dificuldade.

FREQUÊNCIA DA SITUAÇÃO: A taxa em que os incidentes acontecem. Ela pode ser "esporádica", "relativamente frequente", "frequente" ou "permanente".

ESPORÁDICA: o problema acontece, mas não com frequência.

RELATIVAMENTE FREQUENTE: o problema acontece com maior frequência do que se fosse esporádico.

FREQUENTE: o problema acontece com frequência, mas não é permanente.

PERMANENTE: o problema é uma realidade constante com raras exceções.

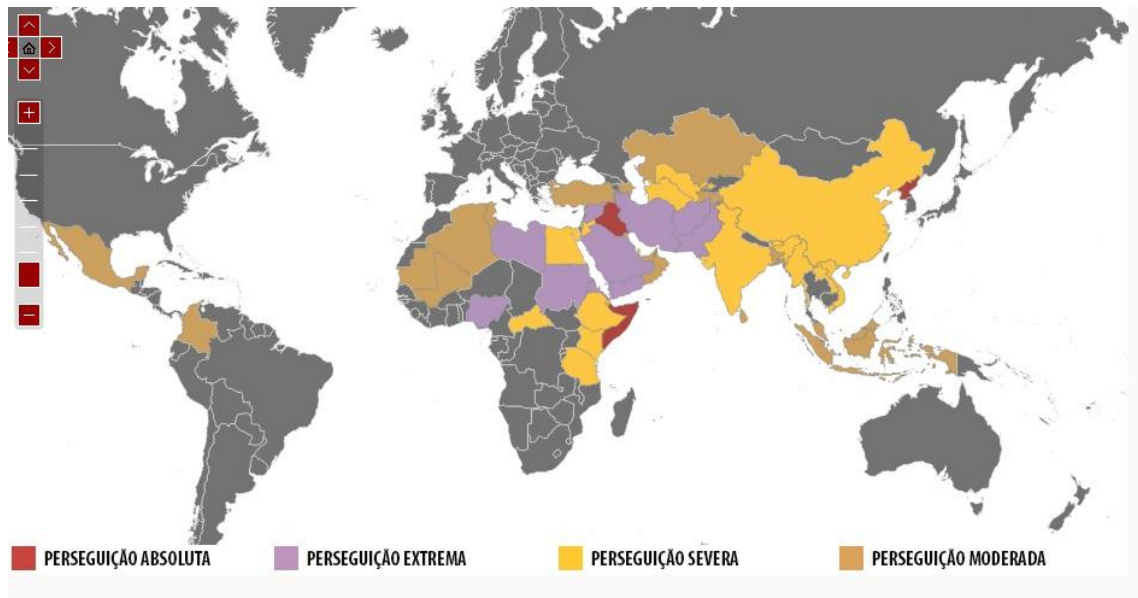
Exemplo: NIGÉRIA

A Nigéria ocupa o 14º lugar na Lista Mundial da Perseguição. Dentro de toda a pesquisa, este ano, o país fez 77 pontos, o que classifica esse país em perseguição severa.

Abaixo o mapa propriamente dito:



*Seminário Teológico Mizpá &
Igreja Batista em Vila das Belezas
Pastor Júnior Martins 2018
Curso de Discipulado*



Uma pergunta que naturalmente surge entre os cristãos e discípulos do Ocidente quando em contato com estas informações é o que é mais difícil: ser cristão em áreas de grande perseguição ou no Ocidente onde há liberdade? Observe pelo mapa que países como México e Colômbia, mesmo estando no continente americano, são classificados como países onde há perseguição moderada.

Obviamente que onde há risco à vida dos cristãos isto não pode ser posto em comparação, mas há desafios como o secularismo, o sincretismo religioso e a perseguição velada em países do Ocidente onde os valores cristãos são questionados e desvalorizados intensamente à medida que outros valores procuram se impor. Ou seja, mesmo em países onde não se sofre o risco de perseguição, aprisionamento, tortura e morte, os desafios para os discípulos são muitos. Há forças invisíveis que procuram calar a voz de cristãos e desmerecer o cristianismo. Mesmo dentro de nossos celeiros, encontramos pedras de tropeço à pregação do Evangelho, mas sobre escândalos falaremos mais adiante.

